

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
DEPARTAMENTO DE TURISMO E HOTELARIA
CURSO DE HOTELARIA

GABRIEL DE JESUS DE ARAUJO CARVALHO

**ANÁLISE SOBRE OS MEIOS DE HOSPEDAGEM NO TRAJETO DA FESTA DO
DIVINO ESPIRITO SANTO EM ALCÂNTARA-MA**

São Luís – MA

2017

GABRIEL DE JESUS DE ARAUJO CARVALHO

**ANÁLISE SOBRE OS MEIOS DE HOSPEDAGEM NO TRAJETO FESTA DO
DIVINO ESPIRITO SANTO EM ALCÂNTARA-MA**

Monografia apresentada junto ao Curso de
Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão –
UFMA, para a obtenção do grau de Bacharel em
Hotelaria.

São Luís – MA

2017

GABRIEL DE JESUS DE ARAUJO CARVALHO

**ANÁLISE SOBRE OS MEIOS DE HOSPEDAGEM NO TRAJETO DA FESTA DO
DIVINO ESPIRITO SANTO EM ALCÂNTARA-MA**

Monografia apresentada junto ao Curso de
Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão –
UFMA, para a obtenção do grau de Bacharel em
Hotelaria.

Aprovada em: / / 2017

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a M.^a Ana Letícia Burity da Silva (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a M.^a Luísa Belo Cutrim (1^a Avaliadora)
Instituto Federal do Maranhão

Prof. Me. Davi Alysson da Cruz Andrade (2^o Avaliador)
Universidade Federal do Maranhão

Ao povo Alcantareense e a cidade de Alcântara-MA

AGRADECIMENTOS

Ao Deus que nos deu o dom da vida, por estar sempre nos amparando, guiando os nossos caminhos e nos abençoando em momentos difíceis.

À minha família que é o meu porto seguro, é quem cuida de mim, aos meus pais Anselmo de Jesus Carvalho e Maria da Conceição de Araujo Carvalho por todo apoio, amor, carinho e pelos conselhos nas horas que eu mais precisei, ao meu irmão Anselmo de Jesus Carvalho Junior pelo companheirismo, a todos os meus familiares que mesmo a distância deseja a minha vitória, em especial meus avós Antonio Duarte de Carvalho e Maria de Nazaré Pereira de Carvalho e a minha avó de consideração Maria Julia da Cruz.

Aos Professores por todo conhecimento transmitido ao longo dos anos de formação acadêmica.

À Professora Ana Letícia Burity da Silva pela paciência, por aceitar me orientar durante a pesquisa e pela amizade.

Aos colegas e amigos discentes do Curso de Hotelaria que me acompanharam em diversas disciplinas durante essa caminhada, em especial aos amigos de 2010.1.

Aos verdadeiros amigos, com quem eu sei que posso contar em todos os momentos da minha vida. Ao grupo dos Parentes.

À Guia de Turismo e amiga Ana Caroline Aranha que me ajudou no processo de pesquisa na cidade de Alcântara-MA.

Ao meu amigo Jorge Luis Melo Ribeiro que me ajudou com o registro fotográfico na cidade de Alcântara-MA.

À amiga Gracyelle Macedo Lemos que foi quem me ajudou a dar o ponta pé inicial a monografia.

À amiga Adriana Mondego pelo auxílio e amizade.

Às músicas que me acompanharam no processo de escrita da monografia em especial aos sambas-enredos, os sambas e axés.

“A morte, mesmo entrelaçada à vida, intimida e assombra; a cidade decadente inspira uma simpatia mesclada de tristeza. De longe, porém, revemo-la com amor, num crepúsculo de emoções que suaviza os contornos da realidade dolorosa; e através da meditação, que é o caminho da sabedoria, e através da saudade, que é a mãe da emoção duradoura e espiritualizada, transportamo-nos às ruas e às ruínas verdes de Alcântara-MA.”

(Raimundo Lopes)

RESUMO

Esta pesquisa vem revelar a estrutura oferecida pelos meios de hospedagem na cidade de Alcântara-MA, durante a Festa do Divino Espírito Santo. Este trabalho surgiu a partir da necessidade encontrada pelos turistas quando visitam a cidade durante o período das festividades, além de possuir poucas referências sobre o tema escolhido. O trabalho poderá ser utilizado para futuras pesquisas científicas e acadêmicas de modo geral. A pesquisa apresenta um pouco do histórico da cidade de Alcântara, da Festa do Divino Espírito Santo e a evolução dos Meios de Hospedagem pelo mundo. A escolha da cidade se deu por sua localização próxima à cidade de São Luís e por atrair visitantes e turistas o ano inteiro. A pesquisa é de natureza exploratória, quantitativa e qualitativa com enfoque descritivo, utilizando como ferramenta a entrevista com perguntas semiestruturadas. Esta pesquisa iniciou-se em março de 2017 com a escolha do assunto a ser pesquisado e finalizada em junho de 2017. Os dados foram coletados, apesar de não haver colaboração de alguns entrevistados durante a pesquisa.

Palavras Chave: Alcântara-MA, Festa do Divino, Meios de Hospedagem

ABSTRACT

This research reveals the structure offered by the accommodation options in the Alcantara-MA city during the Holy Spirit Feast. This academic work emerged from the necessity found by the tourists when they visit the city during the period of the feast, in addition from having only a few references about the theme chosen. This work could be used for future scientific and academic researches in general. The research presents some of the historic of the Alcantara city, the Holy Spirit Feast and the evolution of the Accommodation Options around the world. The choose of the city was due the near location to Sao Luis which attracts visitors and tourists the whole year. The research has an exploratory approach quantitative and qualitative with descriptive focus, using the interview as tool with semi-structured questions. This research has started in March of 2017 with the choosing of the research's subject and finished in June of 2017. The data were collected, despite the lack of collaboration of the interviewed during the research.

Keywords: Alcantara-MA, Holy Spirit Feast, Accomodation Options

LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1 -	19
FIGURA 2 -	20
FIGURA 3 -	21
FIGURA 4 -	22
FIGURA 5 -	23
FIGURA 6-.....	24
FIGURA 7 -	27
FIGURA 8-.....	29
FIGURA 9 -	30
FIGURA 10 -	30
FIGURA 11 -	31
FIGURA 12 -	33
FIGURA 13 -	33
FIGURA 14 -	51
FIGURA 15 -	51
FIGURA 16 -	53
FIGURA 17 -	53
FIGURA 18 -	54
FIGURA 19 -	55
FIGURA 20 -	56
FIGURA 21 -	56
FIGURA 22 -	58
FIGURA 23 -	59
FIGURA 24 -	61
FIGURA 25 -	61

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 -	48
GRÁFICO 2 -	50
GRÁFICO 3 -	52
GRÁFICO 4 -	54
GRÁFICO 5 -	57
GRÁFICO 6 -	59
GRÁFICO 7 -	60
GRÁFICO 8 -	62
GRÁFICO 9 -	63
GRÁFICO 10 -	64

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	12
2.	ALCÂNTARA-MA	15
3.	FESTA DO DIVINO ESPIRITO SANTO.....	25
4.	MEIOS DE HOSPEDAGEM.....	35
	4.1 Meios de Hospedagem no Brasil.....	39
	4.2 Meios de Hospedagem em Alcântara-MA.....	43
5.	METODOLOGIA	45
6.	ANALISE DE DADOS.....	48
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
	REFERÊNCIAS	68
	ANEXOS	72

1. INTRODUÇÃO

A necessidade de ter um lugar para repouso, descanso, higiene e alimentação vem desde séculos antes de Cristo, quando se iniciaram as viagens realizadas pelo ser humano. A hospedagem é de suma importância para o homem, pois acaba sendo uma extensão de sua própria residência que é deixada para trás por um determinado período. O termo “meios de hospedagem” refere-se ao conjunto de empresas destinadas a prover acomodação em condições de segurança, higiene e satisfação às pessoas que buscam por esses serviços, seja por períodos curtos ou até em longas temporadas. (RIBEIRO, 2011).

As hospedarias continuaram pequenas por muito tempo, sem conforto algum. Atualmente é outra a condição dos meios de hospedagem, existindo de todos os tipos e gostos, desde os hotéis mais modernos e atraentes, com alto padrão de serviço, que por si só já se torna um atrativo turístico. Conforme Andrade (2002), independentemente do nível, gabarito ou classificação, um hotel é o edifício onde se exerce o comércio da recepção e da hospedagem de pessoas em viagem ou não, onde podem ser oferecidos serviços parciais ou completos, de acordo com o tipo de empreendimento e as necessidades de seus clientes.

A fé tem movido muitas pessoas ao longo dos anos, por isso, lugares santos a cada ano que passa recebe mais turistas, em busca de um conforto espiritual e ficar mais próximo de Deus. Para Alcântara o turismo religioso é extremamente importante, pois é ele que faz movimentar o fluxo de visitantes e turistas na cidade. De acordo com os dados do Ministério do Turismo (2015), o Turismo Religioso tem crescido vertiginosamente, visto que os brasileiros têm viajado mais movidos pela fé. Tais dados apontam que 17,7 milhões de brasileiros viajam mediante a condição religiosa e este número tem crescido a cada ano que passa.

Alcântara recebe cerca de 10% de sua população (que atualmente é de aproximadamente 22 mil habitantes segundo dados do IBGE) durante as festividades do Divino Espírito Santo, entre turistas, visitantes e os famosos. Estes turistas que visitam a cidade motivados pela fé, são geralmente fieis que aproveitam a festividade religiosa para ‘pagar promessas’, característica muito comum entre os visitantes. A cidade nasceu da aldeia dos índios conhecidos como Tupinambás, que expulsaram os índios da tribo Tapuias para o interior. Esta população indígena corresponde aos povos nativos da

cidade. Deste fato originou-se o nome Tapuitapera, ou seja, lugar onde existiu a taba (Aldeia Indígena), hoje tapera (Aldeia Indígena abandonada) dos tapuias. Em 1612, os primeiros povos distintos a aportarem em Alcântara foram os franceses.

Presume-se que a Festa do Divino Espírito Santo tenha chegado à Alcântara em função dos açorianos, que aportaram na cidade durante o século XVIII em um grupo de mais ou menos 100 casais de negros e colonos vindos do Arquipélago de Açores. Este grupo destinou-se à Alcântara para iniciar as atividades agrícolas locais, tais como a produção de açúcar e algodão, além de trabalhar na construção de engenhos e casas.

A Festa tem como seu marco inicial a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, dando-lhes condição de cumprir os desígnios de Deus, que era evangelizar e levar a sua palavra a todos. Para os católicos ela marca a descida do Espírito Santo, uma das mais importantes datas no calendário cristão, celebrada cinquenta dias após a Páscoa no domingo conhecido com Pentecostes. Segundo Rocha (2008, p.22), a origem da Festa do Divino é atribuída à Santa Isabel, rainha de Portugal no período entre os séculos XIII e XIV, que mandou edificar uma igreja em honra ao Espírito Santo na Vila de Alenquer, localizado na cidade Lisboa, Portugal, possivelmente em 1296.

No período desta festividade religiosa, -Festa do Divino- a carência dos meios de hospedagem é perceptível. Encontram-se poucas opções aos visitantes e turistas que desejam pernoitar na cidade, sendo as mais viáveis, pousadas e casas de família, que podem ser alugadas totalmente ou apenas os terraços para acomodação dos pertences, além de colchonetes ou redes. Para a cidade, a festa tem grande importância devido ao fluxo intenso de turista que, conseqüentemente, gera efeitos econômicos à região. Por a cidade ser bastante visada pelos visitantes, durante esse período, é necessário que tenha condições favoráveis a permanência destes.

É visando enumerar os meios de hospedagem no trajeto da Festa do Divino Espírito Santo que essa pesquisa foi realizada durante os meses de abril, maio e junho de 2017 entrevistando os gerentes de pousadas e turistas hospedados nelas. Além disso, descreve a estrutura disponibilizada para os hóspedes. A pesquisa ainda ressalta de forma histórica a cidade de Alcântara, mostrando também a história dos meios de hospedagem, além de fazer um excursionismo pela história de como começou o culto ao Espírito Santo e como iniciou a festa em Alcântara. Para tal, foi realizada uma pesquisa descritiva histórica, baseada em dados coletados na cidade foco deste estudo, além de pesquisa bibliográfica feita através de acervos

encontrados nas bibliotecas da Universidade Federal do Maranhão e Biblioteca Pública Benedito Leite - ambas localizadas na cidade de São Luís-MA.

Academicamente a pesquisa vem mostrar a importância da fiscalização, juntamente com assistência governamental, à qualidade do serviço hoteleiro analisando a estrutura que a hotelaria disponibiliza ao seu cliente. É esperado que através deste estudo minucioso dos meios de hospedagem em Alcântara-MA, sejam identificadas condições desfavoráveis à permanência dos turistas. Desta forma, pode-se trabalhar para aprimorar esses ambientes de estadia e garantir o crescimento dos serviços hoteleiros da região.

A primeira parte deste estudo traz a introdução, onde se aborda alguns conceitos acerca da cidade de Alcântara, festa do divino Espírito Santo e os meios de hospedagem, para que futuros leitores tenham o conhecimento destes assuntos. Na segunda parte, é abordada a história da cidade, desde a sua fundação até os dias atuais. A terceira parte traz um apanhado geral sobre como começou iniciou a Festa do Divino em de Alcântara e como ele perdura até os dias atuais.

Na quarta etapa, é apresentada a evolução dos meios de hospedagem durante o decorrer dos anos. A quinta parte faz a análise dos dados e, por consequência a demonstração dos resultados obtidos na pesquisa. Por fim, seguem-se as considerações finais do estudo.

2. ALCÂNTARA-MA

Cidade rústica, que mesmo com o passar dos anos, se mantém como há quatro séculos, com seus casarões bem conservados, ruas de paralelepípedos, pessoas a prostrar em suas portas, presença marcante de negros descendentes dos antigos escravos, meios de locomoção ainda a utilizar tração animal. Com um povo de uma fé inabalável no seu Divino Espírito Santo, Alcântara- MA se originou da aldeia dos índios Tupinambás, que expulsaram os Tapuias para o interior, sob o nome – Tapuitapera, ou seja, lugar onde existiu a taba (Aldeia Indígena), hoje tapera (Aldeia Indígena abandonada), dos tapuias.

Os franceses foram os primeiros a aportarem em Alcântara – MA em 1612, com intenção de implantar a França Equinocial, que consistia no projeto de colonização francesa da atual São Luís, capital do estado do Maranhão. Estima-se que existiam mais de 10.000 indígenas de diversas aldeias espalhadas na região. (LIMA 1988).

Com a expulsão dos franceses da capital São Luís, em 1612 pelos portugueses, as terras foram doadas a Jeronimo de Albuquerque Maranhão, Sertanista e Militar Brasileiro, que recebera as terras como forma de agradecimento pelos seus serviços no comando das tropas que retomaram o Maranhão dos Franceses. As terras foram doadas de forma aleatória, sem nenhuma formalidade. Jeronimo assumiu a jurisdição da capitania de Tapuitapera, porém repassou a responsabilidade a Martin Soares Moreno, seu Capitão-Mor, pois se tornaria Governador da Capitania do Maranhão e Grão-Pará.

Passando-se quinze anos, o então governador do Maranhão, Francisco Coelho de Carvalho, fez a doação das terras de Tapuitapera, que já estavam incorporadas a Capitania de Cumã (Tipo de Arvore) que abrangia o território da baía de São Marcos até o atual estado do Pará, atualmente são os municípios de Cururupu, Cedral, Guimarães, Central, Candido Mendes, Carutapera, Turiaçu ao seu irmão, o desembargador Antônio Coelho de Carvalho que nunca visitou a área, entretanto foi responsável por povoar e desenvolver-la, expedindo embarcações com diversos colonos açorianos em sua maioria escravos, que saírem de sua terra natal em busca de uma melhor qualidade de vida. (LIMA, 1988, p. 12)

É necessário ressaltar a posição geográfica de Tapuitapera, que era privilegiada. A capitania era conhecida como a “porta do sertão”, por ser ponto de entrada e de comunicação entre a região de São Luís e Grão-Pará e a área mais cobiçada do continente, as minas de ouro do Peru, que eram bastante exploradas devido à sua grande quantidade de ouro.

A Vila de Santo Antônio de Alcântara (antiga Tapuitapera), que traz esse nome em homenagem a Santo Antônio de Lisboa e em recordação a Quinta Real de Alcântara, foi instalada em 22 de dezembro de 1648 pelo seu donatário Antônio Coelho de Carvalho por ordem do Rei Dom João IV, localizado em terras maranhenses entre São Luís e Belém, o pequeno aglomerado urbano iria consolidar-se devido a sua localização como escoadouro natural de extensa área e converter-se-ia em celeiro do Maranhão, devido a grandes quantidades de cargas armazenadas. (FREITAS, 1992, p. 2)

De acordo com esta linha de raciocínio, Pratt (1941) comenta que a Vila de Santo Antônio de Alcântara-MA se tornara vila devido à sua habitação ter se elevado a oito mil pessoas. As primeiras ações assim que fora elevada à condição de vila, foram a instalação do Pelourinho e a instituição da Câmara, símbolos de autoridade legal. Após a consolidação como vila, passou-se à busca de consolidação econômica da mesma por parte dos seus colonos, que fazem força por investimentos nas terras afastadas do centro da vila, a fim de aumentarem suas lavouras, primeiramente utilizando mão de obra indígena pelo fácil acesso aos mesmos, posteriormente utilizando os açorianos e depois os negros.

Em 1663, uma terrível epidemia de varíola, doença infectocontagiosa que é causada pelo vírus Orthopoxvirus, aterroriza e mata uma parcela considerável da população, principalmente os índios que se mostraram mais vulneráveis à epidemia padecendo com febres, fadigas e dores no corpo. Esta doença, para a época, era considerável como incurável que chegou através dos colonos portugueses e se espalhou em toda a região norte do Brasil, e os que não morreram foram abandonados às mínguas, em uma situação de pobreza extrema. (LIMA 1998)

Em virtude da grande perda de indígenas na colônia, os grandes fazendeiros e proprietários de grandes lavouras de açúcar e algodão, que eram considerados os melhores de toda Província do Maranhão, localizadas na Vila de Santo Antônio de Alcântara, procuram alternativas de mão de obra para assim retomarem a sua produção. Aportando então, 300 casais na vila, podendo chegar a mil pessoas, pois vinham com seus filhos e criadagem, dessa quantidade aproximadamente três quartos eram escravos. Para os padrões da época, era uma considerável massa de pessoas, tanto que, logo os colonos Açorianos tiveram influência para ocuparem importantes cargos na administração regional, concedidos pela Câmara do Senado. (GONÇALVES, 2010).

Os açorianos viveram isolados por muito tempo, devido às catástrofes naturais que assolavam a ilha (terremotos, tsunamis, erupções vulcânicas e diversos surtos de

pestes), por isso o contato com o colonizador português não era com tanta frequência. Eles vieram para Alcântara com a finalidade de trabalhar na construção de dois engenhos de açúcar. Pe. Vieira acrescenta: “Povoou-se o Maranhão de gente das ilhas, que embora alguns deles fossem muito nobres, os demais eram gente necessitada, e que ia buscar na novidade daquelas terras o remédio que não tinha nas próprias”. (SILVEIRA, 1624).

As ilhas a que o Pe. Vieira faz menção, são as ilhas do Arquipélago de Açores, um conjunto de nove ilhas vulcânicas no oceano atlântico que pertenciam a coroa Portuguesa, localizadas a 1.300km da área continental de Portugal. O Arquipélago dos Açores está situado no Atlântico Norte entre os paralelos 36 e 39 Norte e os meridianos 25 e 31 Oeste (ATA, 2013). As buscas por melhores condições de vida dos açorianos fizeram com quem eles aportassem na Vila de Santo Antônio de Alcântara em um momento em que já não se dispunha de trabalhadores.

A Coroa Portuguesa, juntamente com os comerciantes locais, assinou um contrato mediado pelo então governador Francisco Sá de Menezes para a criação da Companhia de Comercio do Maranhão que comercializava cacau, canela, baunilha, cravo. Desta forma desenvolveu-se o monopólio do comercio entre o reino de Portugal e a colônia do Maranhão, explorando as iguarias que por aqui existiam (arroz e açúcar), além do comercio entre fazendas e negros vindos da costa da África. (LIMA 1998)

Alcântara vivia tempos áureos, com sua economia em excelente progressão pois foram retomadas as produções de açúcar e algodão. O antigo porto ficava localizado ao sul da atual cidade, para os lados do farol hoje existente, era desabrigado e media 38 palmos de profundidade. Quando o desenvolvimento está realmente se concretizando, eis que a crise econômica surge no Maranhão, em 1680. A Companhia de Comércio responsável por auxiliar o crescimento mercantil dos colonos deixa de ampará-los, pois houve grande queda de produção de açúcar e algodão na Vila de Santo Antônio de Alcântara.

Lima (1988) discorre que: ‘Quando da revolta de Beckman, os alcantarenses, também interessados na extinção da Companhia de Comercio, que sufocava a pobre colônia com seus absurdos privilégios de monopólio de importação e exportação, aplaudiram os frutos da revolta de Beckman, mas recusaram qualquer comprometimento com ela’.

A Revolta de Beckman ocorrida em São Luís no ano de 1684 que buscava o fim do monopólio-mercantil e a influência pedagógica dos jesuítas, só obteve êxito no âmbito religioso. Para aquele momento a revolta era esperada, devido à situação econômica vivida pela colônia e fez com que muitos cidadãos pegassem em armas e fossem à luta por melhorias econômicas, porém a minoria sabia lidar com o manejo de armas, e um suborno de quatro mil cruzados fizeram que a tropa portuguesa logo sufocasse tal rebelião.

Com o final do século XVII, o estado da colônia era deplorável, a mesma deixou de produzir o algodão e mal produzia o açúcar, que não dava nem para consumo, o que fazia não render nada à coroa portuguesa, por não haver nada para ser taxado. Só em meados do século XVIII, com bons resultados da Companhia de Comercio do Maranhão e Grão-Pará, constituída por Marquês de Pombal (Ministro Real Português), que foram sentidas melhoras na colônia, devido a sua forma de gerir o mercantilismo.

Podemos identificar a importância da então Companhia de Comercio quando Viveiros (1977 p. 58) comenta que:

[...] Em verdade, a influência da companhia foi decisiva. Introduzindo braços africanos, sementes de arroz da Carolina para substituir o arroz vermelho nativo, melhores processos de cultura de algodão, ferramentas, máquinas de descasque de arroz, adiantamentos de dinheiro, tudo a longos prazos, para pagamento em gêneros, fez crescer a produção do Estado rapidamente. Convém, entretanto, observar ter sido este êxito extraordinário da Companhia também auxiliado pela revolução industrial, que então, se operava na Europa, e, mais tarde, incrementado pela guerra da independência americana. Mas isto não tira o merecimento do homem que a dirigia, José Vieira da Silva.

Foi durante o século XVIII que houve uma importante mudança na sede da cidade, o porto dos barcos passou de um lado da Vila de Alcântara para o outro, onde hoje é conhecido o Porto do Jacaré. A figura 1 mostra a vista de cima do Porto do Jacaré.

FIGURA 1: PORTO DO JACARÉ



FONTE: MAPIO.NET/PIC/P-25385585/

Afirmava Joaquim de Melo e Póvoas, Governador do Maranhão (1758-1760) que Alcântara era uma vila muito populosa e mais rica do que São Luís, por ter muitos lavradores com grande quantidade de escravos, e em 1813 figurava, juntamente com a capital, Aldeias Altas (Caxias), Vinhais, Paço do Lumiar, Icatu, Guimaraes e Monção como as oito vilas representativas da estrutura econômica do Maranhão, cuja produção era de açúcar, algodão, peixe salgado, farinha, aguardente e manteiga.

A capitania do Maranhão ocupava o quarto lugar geral na economia da Colônia, enquanto São Paulo era apenas a sétima maior economia, muito se devendo esse resultado à capitania de Alcântara que, conseguiu alcançar importantes números, principalmente com a produção de algodão nas lavouras no interior da cidade. (LIMA, 1988).

A independência do Brasil ocorreu no ano de 1822, entretanto só em 28 de julho de 1823 o Maranhão aderiu ao movimento devido à resistência da região por força das elites agrícolas e pecuaristas. Na época, o Maranhão era uma das mais ricas áreas do Brasil, sendo somente as vilas de Alcântara e Guimarães que não aderiram ao movimento libertador devido à sua fidelidade ao Governo Português.

Alcântara receberia a visita do então Imperador do Brasil Dom Pedro II, entretanto ele desistiu na última hora, devido a uma briga entre duas famílias para saber quem o hospedaria.

Se não rolaram coches reais pelas ruas de Alcântara, porque o segundo imperador do Brasil faltou à promessa de a visitar, ficando com isso inacabado o palácio que se preparava para hospedá-lo, passaram, conduzidas por possantes escravos negros de libré, cadeirinhas e palanquins com florões e molduras douradas a fogo, cortinas de damasco e alcatifas de veludo, levando como pérolas ocultas entre as valvas das conchas, donairosas sinhás-moças para as missas, novenas e procissões do Carmo, da Matriz e das Mercês, ou para bailes e reuniões festivas. Nessas praças e ruas transitaram governadores e capitães-generais do Estado, capitães-mores de Cumã, Maranhão, Pará, Cameté e Caeté, ouvidores, comissários, provinciais, provisores, ou residentes de três grandes ordens religiosas, capitães ou almirantes de França, Portugal, Espanha e Holanda, senadores, barões e viscondes ou chefes de partidos da Província no tempo do império, sábios, poetas. Os denegridos muros das casas apalaçadas são hoje espectros a lembrarem a quem os contempla um fausto para sempre perdido e guardam inviolados segredos de altas e baixas intrigas políticas e o mistério de tenebrosos dramas de famílias. (LOPES, 2002, p. 23)

De acordo com o TJMA, a Lei nº 7, de 29 de abril de 1835, dividiu a província do Maranhão em seis comarcas para que haja um controle judicial, sendo as sedes delas Alcântara, São Bento, Itapecuru, São Bernardo, Caxias, Pastos Bons e São Luís, escolhidas por serem as cidades mais importantes economicamente do Estado.

Como em outros núcleos de colonização portuguesa, a vila ocupou a parte mais alta da colina, onde se tem instalado o Senado da Câmara, o Pelourinho e o Sino do Conselho. Ao ser elevada à categoria de cidade, em 1836, através da Lei provincial nº 24 de 05-07-1836, teria Alcântara seu traçado definido, apoiando-se em uma “artéria” que, iniciando-se à beira-mar, galga a vertente da colina e acompanha o divisor de águas no sentido norte-sul, depois infletindo para sudoeste. (FREITAS, 1992). A Figura 2 mostra as colinas de Alcântara-MA.

FIGURA 2: VISTA DAS COLINAS DE
ALCÂNTARA-MA



FONTE: www.rotasturísticas.com

A decadência da cidade começou entre os anos de 1865 a 1870, ocorrendo por vários fatores. O maior, sem dúvida, foi o incremento da indústria açucareira no Maranhão, que seguiu o fluxo dos rios Mearim, Munim e Itapecuru e desceu no sentido dos interiores.

As terras de Alcântara, por serem areentas, são impróprias à lavoura canavieira, lavoura que tem o seu habitat no Pindaré, Mearim e Baixo Itapecuru, aonde, entretanto, o seu desenvolvimento vinha sendo sopitado, naquela época, pelas dificuldades de transporte. A navegação fluvial a vapor resolveu este problema. O eixo da produção maranhense deslocou-se do litoral para os vales dos rios. Com a nova geração de lavradores, começou o abandono da velha Alcântara. A lei de 13 de maio de 1888 apressou-lhe a decadência, que o urbanismo de São Luís completou. (VIVEIROS, 1977, p. 89).

Da noite para o dia, Alcântara deixa de ser monarquia e passa a ser republica, após o grito de independência, aceito forçadamente. Os símbolos do período monárquico, tais como brasões e quintas portuguesas, além do pelourinho, foram depredados inicialmente e depois arrancados e enterrados no dia 13 de maio de 1888, dia da assinatura da Lei Áurea, lei que dava fim a escravidão no Brasil, na tentativa de tentar acabar com a lembrança dos negros que passaram por lá. Durante muito tempo o pelourinho permaneceu enterrado até ser achado posteriormente por Alexandre Rodrigues (1958) por indicação de uma ex-escrava, Mãe Calú. O atual pelourinho é o mesmo utilizado desde a sua colocação em 1648, sendo o único original do Brasil. A figura 3 mostra o Pelourinho original que ainda sobrevive em Alcântara.

FIGURA 3: PELOURINHO



FONTE: ACERVO PESSOAL ,2017

A iluminação que era feita através de tochas, foi substituída por lâmpões a gás no decorrer do ano 1856, os carros só poderiam trafegar das 5 às 18 horas, os estabelecimentos comerciais funcionavam até as 21 horas. A iluminação elétrica aportou em Alcântara no ano de 1954, através do governador do Estado Sebastião Archer da Silva. (LIMA, 1998).

Com o declínio definitivo das economias na cidade de Alcântara, a grande maioria dos seus casarões foram definitivamente abandonados, pois seus proprietários viram que o investimento na cidade não era mais viável, preferindo se instalar em São Luís, onde as condições de vida eram mais favoráveis. Devido a implantação de indústrias na capital, as casas foram deixadas sob responsabilidade de alguns escravos de confiança. “Do esplendor do passado só restam tristes ruínas, que desapareceriam, num futuro próximo, se o Governo do Sr. Sebastião Archer da Silva, num ato de benemerência, não se interessasse por transformar a velha cidade em monumento histórico da Nação”. (VIVEIROS, 1977, p. 90). Na figura 4 aparece a fachada um casarão histórico de Alcântara.

Figura 4: Casarões Antigos



Fonte: Acervo pessoal (2017).

O tombamento da cidade como Monumento Nacional por conter mais de 300 prédios históricos pelo Serviço do Patrimônio Histórico Nacional, em 22 de dezembro de 1948, através do decreto nº 26.077-A, não bastou para preservá-la, nem mesmo para protegê-la. As intervenções feitas, ainda que necessárias, mostraram-se insuficientes para manter-lhe a fisionomia e a identidade cultural, diante das mudanças que a alcançam com maior intensidade, na medida em que prossegue a construção do Centro de Lançamento de Alcântara, -CLA.

Este centro de lançamentos foi projetado pelo Governo Brasileiro para ser ponto de lançamento de foguetes científico-tecnológicos, devido a sua localização estratégica, privilegiada e próxima a Linha do Equador. A fundação ocorreu no dia 1º de março de 1983, assinada pelo então Presidente João Figueiredo. (FREITAS, 1992). O CLA fechou uma parceria através do Governo Brasileiro com os Estados Unidos para usarem em conjunto a estrutura da base existente na cidade de Alcântara com o intuito de realizarem lançamento de satélites em um primeiro momento.

A cidade passa por um processo constante de conservação dos seus casarões conduzido pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), para que assim possam receber os turistas e se manter como eram no passado. Muitos se encontram em melhores condições que os casarões de São Luís. Nota-se pelo casarão que abriga a “Casa do Divino” e o Museu de Alcântara. Conforme Lima (1998), os estudos feitos sempre têm se preocupado com a parte arquitetônica da cidade, para que haja uma maior preservação das fachadas e azulejos deixando de cuidar de tudo o que se refere à população, ao homem que lá vive, ou intenta sobreviver.

O museu de Alcântara foi criado em 1977 no prédio nº 31, localizado na praça Gomes de Castro, casarão de dois andares, revestido de azulejos de origem portuguesa, que está ligado à Secretaria de Cultura do Estado, contando hoje com um acervo de cerca de 300 peças, dentre elas obras sacras, documentos, pratarias, retratos, gravuras, mobília que remetem aos barões que por ali residiram. Na figura 5 mostra a fachada do casarão histórico que abriga o Museu de Alcântara.

FIGURA 5: MUSEU DE ALCÂNTARA-MA



FONTE: www.estrangeira.com.br/museu-historico-alcantara-maranhao (2016).

Na Rua Grande localizada entre as Ruas de Baixo e Rua da Amargura da cidade de Alcântara-MA, em magnífico sobrado restaurado que pertencia à Família Guimarães e foi doado por José Sarney, se encontra a “Casa do Divino”. Este local foi instalado no governo João Castelo (1979-1983), destinado às festividades do Divino Espírito Santo, exposição e armazenamento dos apetrechos do evento (LIMA, 1998, p.89). A figura 6 mostra a fachada do Museu do Divino Espírito Santo.

FIGURA 6: MUSEU DO DIVINO ESPIRITO SANTO



FONTE: www.tripadvisor.com.br

Conforme Caires (2012), a trajetória de Alcântara deixa de ser entendida pela dicotomia “apogeu e decadência”, para ser vista como processo de constituição dos territórios étnicos¹. Ex-escravos e caboclos tornaram-se senhores das terras alcantarenses, introduzindo uma nova lógica organizacional, reorientando os sentidos da produção, ressignificando as práticas econômicas e ecológicas, reestruturando todo o sistema de valores sociais.

Alcântara apesar de estar longe dos seus áureos tempos, é uma cidade que encanta a todos que a visitam. De uma forma singular, a cidade reflete a vida de seu povo, é pacata e tranquila, que frequentemente recebe turistas de diversas localidades, em busca dos seus casarões, suas histórias. A cidade recebe visitante o ano todo, porém é durante a Festa do Divino Espírito Santo que o fluxo de visitantes aumenta consideravelmente se comparado aos outros períodos, onde a economia aquece e a cidade transpira religiosidade.

1 Entende-se por “territórios étnicos” as unidades territoriais apropriadas e administradas por índios, negros e seus descendentes, e que, no século XX, seriam também identificadas como “áreas remanescentes de quilombos”, “terras de pretos” ou “terras de caboclos”.

3. FESTA DO DIVINO ESPIRITO SANTO

A Festa do Divino Espírito Santo tem levado uma quantidade relevante de turistas à cidade de Alcântara ao longo de três séculos de existência naquela cidade. Esta visitação à cidade durante esta festividade tem como principal foco “o pagamento de promessas” ao Divino, além de pessoas que vão apenas acompanhar as festividades, a tradição se mantém a mesma com o passar dos anos, sendo transmitida de pai para filho, fazendo com que ela se perpetue ao longo de muito tempo.

De acordo com Rocha (2008, p.22), “A origem da Festa do Divino é atribuída à Santa Isabel, rainha de Portugal no período entre os séculos XIII e XIV, que mandou edificar uma igreja do Espírito Santo na Vila de Alenquer, possivelmente em 1296”. A Rainha Isabel teria prometido ao Divino Espírito Santo caminhar pelo mundo com uma coroa e uma pomba, que é o símbolo do Divino Espírito Santo, arrecadando donativos em benefício da população pobre, caso o esposo, o rei D. Dinis, fizesse as pazes com seu filho legítimo, D. Afonso, herdeiro do trono. Sendo assim, obtendo a graça, a Rainha edificou a igreja ao Espírito Santo.

A Festa tem como marco inicial a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, dando lhes assim condição de cumprir os desígnios de Deus, que era evangelizar e levar a sua palavra a todos. Para os católicos a festa é uma das mais importantes datas do calendário cristão, é conhecida como Pentecostes, sendo celebrada cinquenta dias após a Páscoa. A Festa do Divino tem início com os apóstolos quando receberam o Espírito Santo de Deus com a missa de espalharem ao mundo levando a boa novo, porém só começa a ser propagada definitivamente em Portugal, pelo esforço de Dona Isabel, ao construir uma igreja em favor da divindade.

Leal (2013) afirma que as festas do Espírito Santo podem de fato serem definidas como um ritual viajante. A sua origem remonta a Portugal e ao século XIV, mas desde cedo as festas começaram a circular. No século XVI acompanharam o povoamento português dos arquipélagos da Madeira e dos Açores, onde ganharam – sobretudo nos Açores – uma importância fundamental na vida religiosa e social local, que se mantém até os nossos dias.

A festa logo começa a se espalhar rapidamente pelas então colônias portuguesas e a crença se desenvolve juntamente com tal difusão, em especial junto ao povo de menor

aporte financeiro, que buscam algo para se apegarem em momentos de dificuldade, na expectativa de um futuro melhor.

Nos Açores, acredita-se que existe mais de 300 festas do Espírito Santo. No Brasil, as festas do Divino aparecem de forma mais sistemáticas em pelo menos oito estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Bahia e no Maranhão onde o número de festas do Divino é estimado em cerca de 150. (LEAL, 2013).

Na capital São Luís, as festividades são organizadas nos terreiros de Mina, local que acontece as celebrações das religiões africanas, como forma de pagamento de promessas ou como uma festa de obrigação, em atendimento a determinação ou um pedido. Como afirma Ferreti:

Constitui-se em momento de lazer religioso, de divertimento, de devoção e ritual de pagamento de promessas. Através dele o povo da mina se orgulha e demonstra sua capacidade de organizar uma festa rica e bonita. [...]. Representa uma esperança de prosperidade, de fartura, de abundância de alimentos. Afirma a alegria, o agradecimento e a solidariedade comunitária. Expressa capacidade de organização, de liderança, de criatividade em torno de aspirações populares. (FERRETTI, 1995, p.187).

A festa tem se tornado com o passar dos anos cada vez mais popular, caracterizada pela união de famílias, que passam meses se organizando para produzir uma belíssima festa para o Divino, pelos pagadores de promessas, que por muitas vezes vem de longe pagar a sua promessa, como forma de agradecimento as “graças” alcançadas junto ao Divino.

A influência africana é facilmente sentida tanto em Alcântara como em São Luís. Sua marca registrada é o toque utilizado pelas caixas, instrumento de percussão que segue os cantos puxados pelas caixeiras, que são mulheres que tocam as caixas-instrumentos de percussão na condição de sacerdotisa do divino e conduzem o ritual da Festa do Divino. Segundo Lima (1988, p.21):

Em Alcântara, dizem que a Festa do Divino Espírito Santo teve início quando da frustrada visita de Pedro II; então os negros decepcionados, levaram um cortejo com negro, pobres e mestiços à igreja, coroando um imperador escolhido por eles mesmos e “inventando” a festa. Estória mal contada, pois foram os brancos que viram malograda a recepção ao Imperador. É lícito supor que o culto ao Divino Espírito Santo tenha sido trazido ao Maranhão pelos primeiros açorianos que aqui chegaram.

Ao escutarmos os ditos populares, é contado que o Imperador Dom Pedro II desistiu de visitar a cidade devido a uma disputa entre a família do Barão de Pindaré e a família do Barão de Mearim, que concorriam entre si para saber qual delas hospedaria o então monarca do País. As famílias iniciaram construções de casarões que nunca foram terminados, tão pouco utilizados, esses casarões estão localizados na atual Rua Grande na cidade de Alcântara, próximo a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, localização estratégica, para que fosse realização da coroação daquele que fosse escolhido pelo Imperador. O casarão do Barão de Pindaré teria quarenta e oito cômodos enquanto o do Barão de Mearim teria dezoito cômodos. A figura 7 mostra as ruínas do casarão do Barão de Pindaré

FIGURA 7: RUINA DO CASARÃO DO BARÃO DE PINDARÉ



FONTE: ACERVO PESSOAL (2017).

Conforme Rocha (2008, p.29), a festa do Divino começa, na realidade, no último dia da festa anterior, quando ocorre o Passamento das Posses, que é quando o Império entrega as insígnias (Coroa Real, a Pomba do Divino, a Bandeira Real) que caracterizarão a função de cada membro da Festa aos que exercerão as funções no ano seguinte.

E, posteriormente, se agendam as reuniões preparatórias para definição de responsabilidades para a condução das festividades, reuniões estas que contam com a participação dos pais das crianças que formaram o império, dos padrinhos – do mastro

(considerado pelos devotos como morada do espírito santo) do mastaréu (local onde é presa a bandeira do divino), e da tribuna (local onde fica o altar do Divino).

Oficialmente são 13 os patronos – 1 Imperador (que a cada ano se alterna com 1 Imperatriz), 1 Mordomo-Régio (Mordoma, no caso da Imperatriz), 5 Mordomos-Baixos e 6 Mordomas-Baixas. (LIMA 1988). Quando se fala em 13 pessoas participando da festa, automaticamente se fala em 13 casas que estarão dentro do trajeto da festa do Divino Espírito Santo, porém com as dificuldades financeiras podem reduzir este número, entretanto, mantêm-se as figuras do o Imperador (ou Imperatriz) e do Mordomo-Régio (ou mordoma).

A representação do Divino Espírito Santo mescla características da finitude humana com a imortalidade do poder da divindade, que nunca desaparece. Através de seu culto, os devotos vivenciam um ciclo de ascensão e posse, seguida da perda de cargos e poder, num processo que ressalta a impermanência, a presença da transformação à qual estamos todos atados. (BARBOSA, 2006). As festividades do Divino penetraram fortemente nas camadas mais inferiores das classes sociais, devido justamente a esse clima de poder e posse que ela tem exercido durante a sua realização. Este era o momento em que escravos poderiam ter um certo poder em mãos sem que lhes fossem tirados esse direito pelos seus “donos”.

LIMA (1988) e ROCHA (2008) comentam a cerca de uma tradição antiga, que devido a tempos de crise tem deixado de ser realizado, é a Folia do Divino ou “Tirar Joias”, descrito por ambos como um momento em que a caixeiras (senhoras que tocam as “caixas”, instrumento de percussão que marca o ritmo dos cantos entoado por elas) acompanhadas de uma menina que carregada uma coroa, indo de porta em porta recolhendo esmolas para festa. Entretanto, tais folias vêm deixando de ser realizadas, devido à diminuição das ofertas dadas ao Divino, quer seja pelas condições financeiras, que em momento de crise deixam a população em grande dificuldade ou pela participação que parece minguar. Em contrapartida se tornou mais perigoso, percorrer um grande percurso com uma coroa de prata nas mãos.

Atualmente o recebimento de esmolas tem acontecido dentro da própria cidade, nas casas de amigos, parentes e familiares, além das escolas, para que assim a festa continue a acontecer com certa fartura em comidas e bebidas. A figura 8 mostra as caixeiras pedindo esmola para o Divino.

FIGURA 8: PEDIDO DE ESMOLA



FONTE: [HTTP://MANDICUERA.ORG.BR/ROMARIA/](http://MANDICUERA.ORG.BR/ROMARIA/)(1998).

Vieira Filho (1954) conta que um “barulho” teve seu pedido de esmolas negado por um fazendeiro rico, mais avarento, que determinou a seus escravos a expulsão do grupo a golpes de pau. A partir de então morre o gado, crestam as plantações de cana e mandioca, secam as cacimbas, racha a terra. Desesperado e arrependido, o fazendeiro manda chamar o grupo, faz os donativos e cessa imediatamente a praga. Desde então há uma crença enraizada de que aquele que nega uma esmola ao ‘barulho’, sofre duros castigos.

O primeiro momento da festa é denominado pela expressão “Abertura da Tribuna”, que batiza o momento em que são conduzidos os principais objetos do ritual: a Coroa Real, a Pomba do Divino, a Bandeira Real e as bandeirinhas para o grande salão da casa, a tribuna, luxuosamente adornada e onde fica o altar do Divino, e as poltronas que serão devidamente ocupadas pelos membros do Império. A figura 9 mostra a tribuna ainda a ser composta.

A Abertura da Tribuna, antigamente, acontecia no Domingo da Ressurreição ou Domingo de Páscoa, atualmente ocorre dez ou quinze dias antes da missa dos impérios, são as missas oficiais na Igreja do Carmo para passar a posse ao Imperador ou

Imperatriz. Alguns terreiros ainda mantêm a abertura da tribuna na data convencional, mas o festejo só começa muito tempo depois. (GOUVEIA, 2001, P.49)

FIGURA 9: TRIBUNA



FONTE: ACERVO PESSOAL (2017).

A Maior Festa Religiosa de Alcântara teve seu início marcado para o dia 24 de maio de 2017, doze dias antes do domingo de Pentecostes, quando em tarde ensolarada, deu-se o cortejo que transportava o Mastro do Imperador que é escolhido pelo tamanho, entre sete a dez metros de altura e o mais reto possível, saindo do Porto do Jacaré até a Igreja Matriz de São Matias. A figura 10 mostra o carregamento do mastro por vários homens.

FIGURA 10: CARREGAMENTO DO MASTRO



FONTE: jgmoreira.com.br/451/ (2015).

Transportado nos ombros por mais de vinte homens, o cortejo do mastro é acompanhado pelos festeiros, músicos, caixeiras, e toda a multidão que percorrer as ruas de calçamento antigo, ao som do estourar de foguetes, passando pela porta da casa dos Mordomos-Régios até alcançar a praça da Matriz, onde ele colocado com o auxílio de

peças de madeira em seu devido lugar, em frente à Praça da Matriz. Lima (1988) descreve o momento da seguinte maneira:

Quarta-feira, véspera da Ascensão. Porto do Jacaré. São 4 horas da tarde. O sol colore a copa das arvores, reúnem-se todos, homens, mulheres, velhas caixeiras, velhos lobos do mar desdentados e gastos como as pedras do cais, do barco atracado, um tronco de 10 metros de comprimento é retirado e, rapidamente ornamentado com ramos de murta, conduzido aos ombros de uma vintena de atletas escuros.

O mastro é enfeitado com diversas frutas, sendo a principal o Côco e garrafas de bebidas, no topo, bem alto, aberto ao vento, tremula a bandeira do Santo, com a coroa bordada bem ao centro. A figura 11 mostra o mastro erguido e enfeitado.

FIGURA 11: MASTRO DO DIVINO ERGUIDO E ENFEITADO



FONTE: ACERVO PESSOAL (2017).

Afirmam Pacheco, Gouveia e Abreu (2005) que o levantamento do mastro é um momento de grande expectativa, tensão e euforia. São preparados três ou mais tesouras (dois grandes pedaços de madeira em forma de cruz, amarrados ao meio com cordas de armar rede), que ajudam a distribuir o peso do mastro. Para levantá-lo, nele são marradas quatro cordas, puxadas ao mesmo tempo por vários homens. Nessa hora, muitas pessoas rezam e fazem pedidos para que nada dê errado. Quando o mastro se

encontra totalmente erguido, são disparados foguetes, todos batem palmas e alguns, mais emotivos, chegam a chorar.

Após a colocação do mastro na praça em frente à igreja matriz, as caixeiras começam a entoarem cantos, entre eles o conhecido como Alvorada, muito importante, pois é tocado na noite da festa, ao meio-dia e as seis da tarde, seguido por um jantar no salão da tribuna localizada na Casa do Imperador, bancado pelos padrinhos do mastro, além da ladainha das vinte horas que acontece em frente à Igreja do Carmo. O jantar é aberto ao público, qualquer pessoa que chegar poderá se alimentar com diversos pratos entre eles: galinha caipira, pato, arroz de toucinho, carne assada, entre outros.

As caixeiras do Imperador e do Mordomo-Régio vestem-se de branco; as caixas do primeiro são vermelhas; do último, geralmente, verdes. Diariamente deve ser cantado o canto da Alvorada, às seis da manhã, ou ao meio-dia ou ainda /às seis da tarde, logo em seguida pelo cântico denominado Santana, cuja função é assim definida por Dona Celeste:

Depois da alvorada, o que acompanha é Senhora Santana. Toda vez que se reza Alvorada, se reza Senhora Santana. É o toque que leva os impérios para a mesa, a cerimonia da comida dos impérios se toca Santana. Depois que se tem uma ladainha que se reza, se oferece e se toca também Senhora Santana

(PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.52)

Dona Maria Farias, uma das caixeiras do Divino, comenta que é a fartura da festa, porque festa de Espírito Santo tem que ser farta. Tem que ter muita comida e doce para todo mundo. Lima (1988) corrobora detalhando que as mesas de doces são uma história a parte pela criatividade de seus autores, os doces são pudim, pão de ló, queijadinha, broa, bolo de tapioca mãe-benta e pastilhas, além dos celebres doces de espécie, especialidade de Alcântara, receitas transmitidas de geração a geração. São formas de massa de trigo, ovos e manteiga que recebem o saboroso recheio de inigualável doce-de-coco. A figura 12 mostra o doce de espécie.

FIGURA 12: DOCE DE ESPÉCIE



FONTE:<http://blog.submarino.com.br/sonar/post/doce-que-vale-viagem/> (2015).

O Imperador, como figura central e a mais importante da festa, oferece duas mesas de doces: a primeira na Quinta feira da Ascensão, a segunda no Domingo de Pentecostes. Os Mordomos-Régios são obrigados a terem mesas de doces apenas nos dias em que recebe a visita do Imperador, nos outros dias é opcional. A figura 13 mostra a mesa de doces.

FIGURA 13: MESAS DE DOCE



FONTE: ACERVO PESSOAL (2017).

Durante a tarde, o Mestre-Sala do Mordomo-Régio, vai ao encontro do Imperador para que o mesmo autorize o seu amo a visitá-lo durante aquela noite. A rogação é o pedido formal de visita feita em envelope aberto, dentro de uma bandeja.

De noite, após a novena na igreja, vai o Mordomo-Régio com seus vassallos, suas caixeiros e o povo, que acorre sempre, sequioso pela festança, realiza a aprazada visita. Este préstito passa, obrigatoriamente, à porta de cada

Mordomo. Grita o Mestre-Sala – Viva o Espírito Santo do Paço! Responde-lhe o dono da casa – Viva o Mordomo em transito! (LIMA, 1988, p.30).

Posteriormente do início das festividades, todos os dias são dias de festa, durante a semana todos os Mordomos se revezam e continuam a visitar o Imperador, começando no final da noite e perdurando até a madrugada, havendo mais de cinco Mordomos, o Imperador é obrigado a receber dois ou mais visitante em uma só noite, pois é o anfitrião da festa.

Ao chegar o Domingo de Pentecostes, dia muito esperado pela população, O Imperador de azul-marinho, os Mordomos de ternos azuis ou preto. Os demais, de vermelho, inclusive as pombinhas, obrigadas a regra, engraçadas nas suas jaquetinhas rubras, aninhadas nas bandejas. O momento mais importante da festa do Divino Espírito Santo é quando ocorre a Missa e a Cerimônia dos Impérios, no Domingo de Pentecostes. Resta proceder ao derrubamento do mastro, que marca o encerramento da festa, antes que se inicie a derrubada acontece, em algumas casas a cerimônia do serra-o-pau, quando as caixeiras e alguns convidados simulam cortar o mastro dando, cada um, três leves golpes de machado no tronco. (ROCHA, 2008).

A derrubada do mastro é comemorada com foguetes, palmas e com bebidas como espumantes e vinhos, e é seguida por uma ladainha e um jantar. Então todos retornam ao salão da festa onde acontece o repasse das posses reais pela caixeira-régia (caixeira que chefia as outras caixeiras). Momento de muita emoção, que leva as crianças e seus assistentes às lágrimas, todos emocionados com a despedida da festa. Dona Lalá, caixeira do Divino descreve: É bonito, mas também causa tristeza na gente, porque a festa está terminando e você vai deixar as colegas para trás. Mas quando você olha para trás e vê que deu tudo certo, que é mais uma missão cumprida, aí o choro é de alegria. (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.37).

O fim da Festa do Divino deixa imensa tristeza em todos que organizam e participam dela, entretanto deve ser lembrado que são doze dias de muita fé, devoção, alegria, que são renovadas para o ano seguinte. A festa tem atraído um contingente de pessoas até a cidade de Alcântara bastante elevado, entre turistas, visitantes, pagadores de promessas que buscam conhecer a história, e reviver suas crenças, necessitando assim de uma estadia para ficar, podendo ser casas de aluguel ou pousadas.

4. MEIOS DE HOSPEDAGEM

O começo da história das hospedarias nos leva há muitos séculos, mais especificamente ao século VIII a.C, na Grécia Antiga, com a realização dos Jogos na cidade de Olímpia, com duração de dois a três dias, onde havia um trânsito intenso e muito grande de pessoas. Para a época, o evento era tão importante que havia paralisação de guerras para que o mesmo pudesse ocorrer tranquilamente, este fato é considerado o marco inicial da Hotelaria.

O mais antigo registro a respeito da hospedagem organizada data a época dos Jogos Olímpicos, que consistia de um abrigo de grandes dimensões, em forma de choupana denominada *Ásylon* ou Asilo, que era um local inviolável com a finalidade de permitir o repouso, a proteção e a privacidade aos atletas de fora, convidados a participar das cerimônias religiosas e das competições esportivas. (ANDRADE, 2002).

A palavra hospedagem vem do latim *hospitium*, significa hospitalidade, que por sua vez é uma palavra originária de *hospitalitas* que significa o ato de oferecer um bom tratamento a quem se dá ou recebe hospedagem. O Império Romano possuía dois tipos de hospedarias para atender aos viajantes, que transitavam pelas longas estradas de seu imenso território: a estalagem e o estábulo. A estalagem que no século XIII, passou a designar uma hospedaria formada por várias casas pequenas com única saída para a rua, onde apenas os nobres e os oficiais superiores das milícias se hospedavam. O estábulo que era uma grande cobertura usada para proteger os plebeus, o gado e os animais de montaria e de carga contra os rigores do tempo e os perigos da noite. (COUTINHO, PEREIRA, 2007).

A Itália era totalmente dominada pelos romanos durante o século IV a.C, que buscando expandir seus domínios começaram a construir estradas. A primeira estrada que se tem conhecimento é a Via Ápia, construída pelo Imperador Romano Ápio Claudio (307 e 296 a.C.) cujo ao longo da mesma foram surgindo diversos pontos de encontro dos soldados romanos, as tabernas. Posteriormente apareceram diversas outras estradas que ligavam o sul da Itália até Roma, com o aumento dos percursos houve a necessidade de haver um lugar para repouso que inicialmente eram casas de famílias e acampamentos rústicos.

Andrade, Brito e Jorge (2002) afirmam que as rotas comerciais da antiguidade, existentes na Ásia, Europa e África, originaram núcleos urbanos e o consequente

surgimento de hospedarias para servir os viajantes que por ali passavam. Em função do comércio entre os países europeus e área do atual Oriente Médio já existia uma demanda grande de hospedagem, devido às longas viagens feitas. Nesse período também se tem informação que os mosteiros oferecem hospedagem aos viajantes como forma de perpetuar a hospitalidade cristã, oferecendo acomodação para qualquer viajante que batesse a porta.

Com o surgimento do Cristianismo, uma frase de Jesus Cristo, dita a seus 12 apóstolos 'Ide a todas as partes do mundo levar a minha palavra', marcou o que talvez se possa considerar como o início do turismo religioso. Foi a partir da morte de Cristo que os apóstolos, principalmente Pedro, pregaram os ensinamentos cristãos passando pela Ásia Menor, chegando a Roma em 65 d.C. quando foi martirizado por Nero (COUTINHO, PEREIRA, 2007).

Com o triunfo do Cristianismo, declínio e queda do Império Romano e em seguida o estabelecimento dos reinos germânicos em solo que haviam sido cidades romanas, teve início a Idade Média, que ficou marcada pela pouca segurança nas vias, porém foi próspera, pois beneficiou o surgimento de fatores que poderiam promover as viagens, como o Guia de Estradas de Charles Estiene de 1552, que tinha informações, roteiros e impressões acerca de viagens, e a publicação *OfTravel*, de Francis Bacon de 1612, com várias orientações para viajantes.

Ao final da Idade Média, em decorrência da Revolução Mercantil e o crescimento das cidades, houve um significativo desenvolvimento dos tipos de hospedagens existentes até então, que passaram a oferecer algumas comodidades aos seus hóspedes além da hospedagem, como refeições, bebidas, cocheiras e alimentação para os cavalos, troca de parrelhas e serviços de manutenção e limpeza para charretes. (RIBEIRO, 2011).

Com o aparecimento das monarquias, a hospedagem era controlada pelo próprio Estado, nos palácios reais ou ainda nas acomodações administrativas e militares. Os viajantes que não dispunham de um documento do Estado (Passaporte) eram atendidos, em estalagens precárias. Após a expansão do capitalismo, a hospedagem se tornou uma atividade completamente econômica e passou a ser explorada comercialmente.

A palavra hotel pode ter tido origem a partir do termo da língua francesa *hôtel*, que significava residência do rei. Este termo também era utilizado para designar os edifícios

suntuosos pertencentes à aristocracia francesa, como por exemplo, o Hôtel des Invalides, que desde 1670 abrigava oficiais da pátria que estavam inválidos. (RIBEIRO, 2011).

Com a consolidação das carruagens puxadas por cavalos, a partir do século XVII, houve significativa expansão das hospedagens, esse tipo de transporte predominou nas estradas da Europa por quase duzentos anos, provocando um contínuo fluxo de hóspedes pelos estabelecimentos hoteleiros. Com o advento das ferrovias, as carruagens perderam espaço e posteriormente sumiu, conseqüentemente a cadeia hoteleira sofreu um grande golpe, porque com o transporte realizado através das ferrovias as viagens duravam menos. Diante disso os hóspedes eram forçados a passarem menos tempo hospedados e conseqüentemente muitos hoteleiros faliram por não conseguirem se adaptar.

Com o advento da Revolução Industrial, mais pessoas tiveram acesso às viagens mesmo que precárias fossem. Assim também houve o aumento e melhorias de estradas e ferrovias que favoreceram o turismo coletivo, e viajar deixou de ser privilégio dos nobres, forçando os meios de hospedagem existentes na época a se adaptarem a esta nova situação. A partir de então, os albergues britânicos ganharam a fama de serem os melhores do mundo, com seus primeiros avanços centralizados em Londres e seus arredores. Houve também certa melhoria na qualidade dos serviços, mantida pelo alto nível de limpeza, bem como atendimento direto aos seus clientes por parte dos empresários do ramo. (PORTAL DA EDUCAÇÃO, 2013).

A Revolução Industrial teve grande importância no mundo, a partir do século XVIII, com o fato do capitalismo se fortalecer e com isso os grandes burgueses conseguiram aumentar suas riquezas e assim enviar seus filhos para estudarem fora dos seus lugares de origem fazendo, mesmo sem propósito, o incentivo às viagens entre países vizinhos aumentarem.

Conforme afirma Andrade, Brito e Jorge (2002) a Revolução Industrial e o Capitalismo contribuíram para que a hotelaria passasse a ser uma atividade estritamente econômica e explorada comercialmente. O principal fato que fez com que os padrões dos serviços hoteleiros melhorassem foi o aumento do requinte do modo de vida palaciana durante o século XVIII. A expansão das estradas nos centros urbanos e a evolução dos meios de transporte tornaram cada vez mais frequentes as viagens

comerciais. Tal expansão fez com que o mundo testemunhasse durante as décadas de 1810 e 1820 o crescimento da Hotelaria.

O rápido crescimento da atividade turística no mundo deu-se a partir da iniciativa de Thomas Cook de promover, em 1841, a primeira excursão fretada especialmente para transportar pessoas. Cook levou de trem, com tarifas reduzidas, 540 pessoas entre duas cidades inglesas, estabelecendo o início de uma atividade que até os dias de hoje continua crescendo: o turismo planejado. Thomas Cook, em 1845, criou a primeira agência de viagens e, no ano de 1851, tinha transportado mais de 165 mil pessoas. Para isso, teve de preocupar-se também com alojamento para seus clientes e criou o Plano Cook de Alojamento e Transporte. Em 1867, Cook criou o precursor do voucher dos dias de hoje com o Cupom Cook, que agrupava diversos tipos de serviço, inclusive alojamento. (COUTINHO, PEREIRA, 2007).

A modernização da hotelaria e o grande impulso da atividade turística aconteceram juntamente com a evolução tecnológica, que favoreceu aquela época com condições melhores do transporte aéreo, início da indústria dos aviões a jato, navio de cruzeiros mais elaborados, ônibus para passageiros e em especial a melhora da comunicação. No início da década de 1870 já existiam na Europa um grande número de bons cozinheiros e hotéis, além de hoteleiros famosos que começam a surgir.

Em 1870, o suíço César Ritz implementou o conceito de quarto com banheiro privativo nos hotéis e adotou a uniformização dos funcionários. Em 1898, fundou, na cidade de Paris, o primeiro hotel com o seu nome. De modo geral, Ritz deu início a uma nova forma de organização e gestão dos hotéis idealizando um padrão físico e de serviços que originou as cadeias hoteleiras. (RIBEIRO, 2011).

A prosperidade econômica entre as décadas de 1900 a 1930 foram sentidas mundialmente com grande desenvolvimento, nesta ocasião o aumento da hotelaria foi tanto qualitativo como quantitativo. A hotelaria europeia evoluía com hotéis menores preservando o atendimento mais personalizado, enquanto a hotelaria americana investia em hotéis maiores e mais modernos. A grande depressão econômica em 1929 provocou um grande abatimento sobre a hotelaria, os negócios como restaurantes e hotéis sofreram bastante, entretanto foi nesse ano que na cidade de Nova York foi inaugurado o Hotel Waldorf Astoria, que continua até os dias atuais substituindo o antigo que havia sido demolido. A hotelaria vem se desenvolvendo a cada dia, se expandindo por vários territórios. Devido “à explosão do turismo, no final do século XX, os hotéis ganharam grandes proporções e se construíram em grandes mega redes.” (CASTELLI, 2003, p. 87).

A partir da década de 1970 ocorreu a expansão das redes hoteleiras, quando aconteceram diversas fusões de interesses e serviços entre companhias aéreas e hotéis. As que mais se destacaram foram a American Airlines, que estreou a rede American Hotels; a Air France, que fundou os hotéis Meridien; a British Airways, que se juntou às outras companhias e fundaram a cadeia European Hotel Corporation e a Brasileira Viação Aérea Rio Grandense (Varig), que atualmente pertence à viação aérea Gol, que na época fundou a rede Tropical de Hotéis.

A década de 1980 foi considerada a década do grande incremento da hotelaria mundial com a diversificação dos tipos de hotéis, profissionalização do segmento hoteleiro em todos os níveis, criação de *marketing* específico para o setor e desenvolvimento dos hotéis com redução de serviços. Os hotéis direcionados para a área de convenções são criados com destaque para o Marriott Marquis, de Atlanta, maior hotel de convenções do mundo (COUTINHO, PEREIRA, 2007).

A Indústria Hoteleira é considerada uma indústria de bens de serviço, como qualquer ramo industrial que detém próprias características, com uma finalidade principal, que é o fornecimento de hospedagem, entretenimento, alimentação e segurança de seus hóspedes.

“Os profissionais da hotelaria, cientes dessa expectativa, criam o ambiente favorável propiciando ao recém-chegado que se sinta à vontade e encantado, mesmo porque ele está pagando por tudo isso. Bem à vontade não somente ao ser recebido, mas também durante toda a sua estada, em todos os setores do hotel”. (CASTELLI, 2003, p. 142).

Na conjuntura atual existe uma busca excessiva por um atendimento de qualidade, fazendo com que os proprietários de hotéis invistam cada dia mais em treinamento dos seus colaboradores.

4.1 Meios de Hospedagem no Brasil

Logo após a descoberta do Brasil iniciou-se a necessidade de se ter hospedarias para abrigar os viajantes e colonizadores, cabendo aos donos das capitânicas hereditárias a instalação das primeiras hospedagens na “Terra de Vera Cruz (Primeiro nome do Brasil)”, tais hospedarias ficaram com Portugueses à sua frente, pois tinha esse privilégio junto à Coroa Real Portuguesa, usando casarões de dois ou três andares.

Andrade, Brito e Jorge (2002) relatam que, durante o período colonial os viajantes se hospedavam nos casarões dos engenhos e fazendas. Nessa época era comum as famílias receberem hóspedes em suas casas, havendo em muitas um quarto específico para esta finalidade. Os mosteiros e conventos também eram utilizados como hospedarias, seguindo o preceito cristão da caridade, que todos que necessitassem deveriam ser acolhidos, entretanto os mesmos eram mais utilizados por personalidades políticas e grandes senhores de engenho. Cabe lembrar que durante o século XVIII, no Rio de Janeiro, no Mosteiro de São Bento foi construído um prédio que serviu somente para hospedagem.

De acordo com Ribeiro (2011), em 1808, com a chegada da corte real portuguesa ao Rio de Janeiro e a abertura dos portos às nações amigas, houve um aumento do fluxo de pessoas e da demanda por alojamento, fazendo com que casas de pensão, hospedarias e tavernas abrissem suas portas aos viajantes e passassem a adotar a denominação de hotel. Houve um enorme fluxo de estrangeiros que vieram em busca de exercer diversas funções, entre elas: diplomáticas, científicas e comerciais, com a abertura dos portos do Brasil.

Entretanto havia escassez de hotéis na cidade do Rio de Janeiro, problema esse que só começou a ser resolvido com a criação do Decreto nº 1160, de 23 de dezembro de 1907, que isentava por sete anos, de todos os impostos municipais, os cinco primeiros grandes hotéis que se instalassem no Rio de Janeiro. O maior marco da hotelaria do Rio de Janeiro, e do Brasil é o Copacabana Palace Hotel, inaugurado em 1923, hospedando diversas personalidades internacionais.

Duarte (1999) afirma que, em 1870, começaram a aparecer na capital paulista alguns empreendimentos dignos de serem chamados de hospedagens: o Hotel Palma, o Hotel Paulistano, o Hotel do Comércio, o Hotel Itália e os *alloggios* – pequenos hotéis italianos onde a comida era farta e o vinho generoso. Observa-se entre os empreendimentos registrados a significativa influência europeia.

Em São Paulo, as ocupações dos hotéis eram feitas devido principalmente aos cassinos em conjunto com os meios de hospedagem, sendo que muitos hotéis foram construídos especialmente para funcionarem como sede de cassinos renomados, frequentados pela alta sociedade. Posteriormente por determinação do Presidente Eurico Gaspar Dutra em 1946, houve a proibição dos cassinos, pois o mesmo acreditava que os

jogos eram “nocivos à moral e aos bons costumes”. Devido a este acontecimento, houve o fechamento e paralisação de inúmeros hotéis que estavam sendo erguidos em muitas cidades brasileiras, gerando um elevado número de desempregados.

De acordo com Coutinho e Pereira (2007), é a partir da década de 1960, mais precisamente no início da década de 1970, que houve um progresso acentuado. Em 1966 é criada a EMBRATUR (Empresa Brasileira de Turismo), hoje transformada em Instituto Brasileiro de Turismo, mantendo a mesma sigla e, junto a ela, o FUNGETUR (Fundo Geral de Turismo), que atua através de incentivos fiscais na implantação de hotéis, promovendo uma nova fase na hotelaria brasileira, principalmente no segmento de hotéis de luxo, os chamados cinco estrelas.

O aumento do volume das viagens turísticas e empresariais e a necessidade por boa acomodação em hotéis ocorreu principalmente devido o desenvolvimento dos transportes e comunicação. Inúmeras unidades hoteleiras buscaram as grandes cidades brasileiras e também as pequenas que possuíam atrativos turísticos. Surgiram as primeiras cadeias hoteleiras nacionais: Othon, Horsa, Tropical/VARIG dentre outras. A cadeia internacional que primeiro investiu no país foi a Hilton seguida por diversas outras como: Sheraton, Holiday Inn, Accor, Intercontinental, Méridien que fazem com as cadeias nacionais o desenvolvimento turístico do Brasil.

A lei geral do Turismo nº 11.771/2008 obriga que todos os meios de hospedagem estejam no CADASTUR, (Sistema de cadastro de pessoas físicas e jurídicas que atuam no setor do turismo). O objetivo desta lei é promover a formalização e a legalização dos prestadores de serviços turísticos e, ao mesmo tempo, servir como base para consulta aos turistas quanto à regularização de um determinado prestador de serviço turístico.

O Ministério do Turismo afirma também que os meios de hospedagem alternativos atraem brasileiros e estrangeiros e, segundo estudo do Ministério do Turismo de demanda Turística Internacional divulgado em 2012, nos últimos 6 anos, dos 5,7 milhões de turistas estrangeiros que estiveram no país anualmente, cerca de 2,5 milhões optaram por esse tipo de hospedagem, sendo: (28%) Casa de Parentes e Amigos, (12%) Casas Alugadas, (5%) Albergues e Camping.

O Sistema SBClass é uma ferramenta de comunicação entre os turistas e o setor hoteleiro, que tem como função orientar as escolhas dos visitantes de uma forma mais objetiva e clara, tem adesão e adoção voluntária. Mas para isso é necessário que o Meio

de Hospedagem esteja com seu cadastro regular no Ministério do Turismo – no sistema Cadastur. Os países líderes em turismo no mundo utilizam o sistema de classificação de meios de hospedagem.

Conforme definições retiradas do *site* ‘turismo.gov’, a classificação Meios de hospedagem criada pelo Ministério do Turismo são:

- Hotel: hospedagem com serviços de recepção E alimentação.
- Resort: Hotel com infraestrutura de lazer e entretenimento que oferece serviços de estética, atividades físicas, recreação e convívio com a natureza no próprio empreendimento.
- Cama e Café: Oferecido em residências, com no máximo três unidades habitacionais para uso turístico, em que o dono more no local, com café da manhã e serviços de limpeza.
- Pousada: Hospedagem de característica arquitetônica predominantemente horizontal, com até três pavimentos, 30 unidades habitacionais e 90 leitos, com serviços de recepção e alimentação.
- Nota: A pousada pode ser em um prédio único ou com chalés ou bangalôs.
- Flat/apart-Hotel: Hospedagem em edifício, com serviços de recepção, limpeza e arrumação, constituído por unidades habitacionais que dispõem de dormitório, banheiro, sala E cozinha equipada, com administração E comercialização integradas, café da manhã E serviços de limpeza.
- Hotel Fazenda: Instalado em uma fazenda ou outro tipo de exploração agropecuária e que oferece a vivência do ambiente rural.
- Hotel histórico: Hotel instalado em edificação com importância histórica, com características arquitetônicas de interesse histórico ou que tenha sido cenário de fatos histórico-culturais de relevância reconhecida.

Qualquer outro tipo de meios de hospedagem não descritos e classificados pelo Ministério do Turismo pode ser considerado como meio de hospedagem alternativo. Entretanto, é necessário fazer o cadastro do meio de hospedagem junto ao Ministério do Turismo, via Cadastur, para que o mesmo seja legalizado e devidamente identificado.

4.2 Meios de Hospedagem em Alcântara-MA

Alcântara não contém muitos roteiros formais e fixos, a maioria das pessoas que querem conhecer a cidade vai a procura do turismo histórico, visitações aos casarões, às antigas ruínas, às igrejas que datam do século XVII. Estas visitas compreendem um roteiro curto e que pode ser feito em um único dia.

Apesar dos poucos pontos turísticos, a cidade tem suas belezas, por ter começado a ser construída em cima de um morro, tem uma visão belíssima da Baía de São Marcos, localizada entre Alcântara e a cidade de São Luís, além das ruínas dos casarões construídos durante o século XVII no período áureo do açúcar na região.

Grande parte das pessoas que a visitam escolhem o bate-volta para fazer. Essa modalidade de turismo é conhecida assim porque o visitante passa apenas um dia na cidade, indo e voltando no mesmo dia, não havendo necessidade de hospedagem durante a estadia.

O ato da hospedagem está intrinsecamente ligado à evolução da humanidade no que diz respeito ao seu ato de deslocar-se e de se relacionar com outros, com a natureza ou ainda por motivos comerciais. (RIBEIRO, 2011). O Decreto nº 5.406, de 30 de março de 2005, considera os meios de hospedagem de turismo aqueles estabelecimentos que possuem licença de funcionamento para prestar serviços de hospedagem expedida por autoridade competente.

Para Andrade (2002), independentemente do nível, gabarito ou classificação, um hotel é o edifício onde se exerce o comércio da recepção e da hospedagem de pessoas em viagem ou não, onde podem ser oferecidos serviços parciais ou completos, de acordo com o tipo de empreendimento e as necessidades de seus clientes.

Os empreendimentos hoteleiros da cidade em sua grande parte ficam localizados no trajeto da Festa do Divino Espírito Santo, com justificativa aplicável. É nesse percurso que existe um trânsito maior de pessoas, que buscam conhecer e vivenciar as festividades durante seus doze dias. É durante a festividade que há o maior fluxo de turistas da cidade, ultrapassando até o período de férias.

Em Alcântara ainda não se encontra nenhuma cadeia hoteleira, muito menos há investimento externo. A cidade ainda não chamou atenção de empresas estrangeiras, os poucos meios de hospedagem que existem são locais e em grande parte são empresas

familiares. Todos os meios de hospedagem localizados em Alcântara só estão classificados como pousada por ultrapassar a quantidade de unidades de cama e café, pois as características dos mesmos são parecidíssimas com o que o Ministério do Turismo classifica como sendo a Cama e Café.

Segundo o Sistema Brasileiro de Classificação Hoteleira o tipo de hospedagem Cama e Café é aquele que está localizado em residência com no máximo três unidades habitacionais para uso turístico com serviço de café da manhã, com limpeza, na qual o possuidor do estabelecimento resida.

5. METODOLOGIA

O seguinte estudo foi elaborado utilizando a pesquisa exploratória de natureza quantitativa e qualitativa com enfoque descritivo. De acordo com Gil (2007, p. 17), pesquisa é definida como: o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos.

A pesquisa só é desenvolvida quando há a existência de um questionamento, ou seja, uma dúvida que requer a busca por uma resposta. Esta é a razão da existência de uma pesquisa a ser desenvolvida. Além de ser um processo composto de fases diversas, começando com a criação do problema até o momento de apresentar e discutir os resultados.

Para Fonseca (2002), *methodos* significa organização, e *logos*, estudo sistemático, pesquisa, investigação; ou seja, metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência. A metodologia é a escolha do caminho com a intenção de se chegar até um final proposto durante a pesquisa.

Segundo Malhotra (2001, p.155), “a pesquisa qualitativa proporciona uma melhor visão e compreensão do contexto do problema, enquanto a pesquisa quantitativa procura quantificar os dados e aplica alguma forma da análise estatística”. A pesquisa de teor qualitativo é utilizada ainda como modo para explicar os resultados alcançados pela pesquisa quantitativa.

O fator determinante para a pesquisa quantitativa é o tamanho da amostragem, sendo a estatística o principal meio para o processo, tendo o pesquisador como interesse do estudo de um determinado problema manifestado durante as atividades. Vergara (2000, p. 47) argumenta que a pesquisa descritiva expõe as características de determinada população ou fenômeno, estabelece correlações entre variáveis e define sua natureza afirmando que "Não têm o compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação".

As pesquisas descritivas têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou a instalação de variáveis entre as relações. As entrevistas semiestruturadas podem ser definidas como uma lista das informações que se deseja de cada entrevistado, mas a forma de perguntar (a estrutura da pergunta) e a ordem em que as questões são feitas irão variar de acordo com as características de cada entrevistado. (OLIVEIRA, 2011, p.36).

Para a realização da presente pesquisa a ferramenta utilizada foi a entrevista com perguntas semiestruturadas visando a coleta de dados para o seguimento da mesma. De acordo com Gil (1999), a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizadas nas pesquisas sociais. Esta técnica de coleta de dados é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam e desejam, assim como suas razões para cada resposta.

A técnica de entrevista detém algumas vantagens como ter maior eficiência na obtenção de dados, uma maior abrangência, quantificação e classificação, se comparada com a técnica dos questionários em aspectos culturais. A pesquisa não restringe o entrevistado, além de oferecer uma maior flexibilidade e maior número de respostas, possibilitando com que o entrevistador capture outras formas de comunicação não verbal.

O referencial teórico deste trabalho é formado por pesquisas bibliográficas utilizando livros das Bibliotecas Central da UFMA e da Biblioteca Pública Benedito Leite. Além disso houve o acesso a *sites* e pesquisas científicas publicadas, que puderam apurar as referências históricas da região. A pesquisa de campo foi realizada por meio de três viagens ao município de Alcântara-MA:

- A 1ª viagem ocorreu no dia 22/04/2017 com o intuito de conhecer a cidade, do ponto de vista histórico, sendo que assim foi possível conhecer superficialmente a história dessa cidade secular. Nesse período entrou-se em contato com os gerentes dos meios de hospedagem da cidade para conhecer um pouco da estrutura oferecida aos turistas;
- A 2ª viagem aconteceu no dia 26/05/2017 para fazer a coleta de dados por meio de entrevistas, utilizando como ferramenta as perguntas semiestruturadas, que consiste em perguntas pré-estabelecidas, porém deixando o entrevistado expor o que achar necessário.
- A 3ª viagem aconteceu no dia 01/06/2017 para fazer registros fotográficos de alguns momentos durante a Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara-MA e entrevistas com participantes da festa.

Para que a pesquisa ocorresse com base no referencial teórico, não se encontrou nenhuma dificuldade. A pesquisa de campo aconteceu sem nenhuma dificuldade quanto ao âmbito fotográfico. Na coleta de dados, por meio de entrevistas, alguns entrevistados não colaboraram da maneira esperada.

A única dificuldade durante as pesquisas foi o deslocamento marítimo até a cidade, pois ocorria de acordo com os horários da maré. Todos os dados coletados foram de grande importância para a realização do estudo da análise da estrutura dos meios de hospedagem em Alcântara possibilitando a relação entre realidade e teoria.

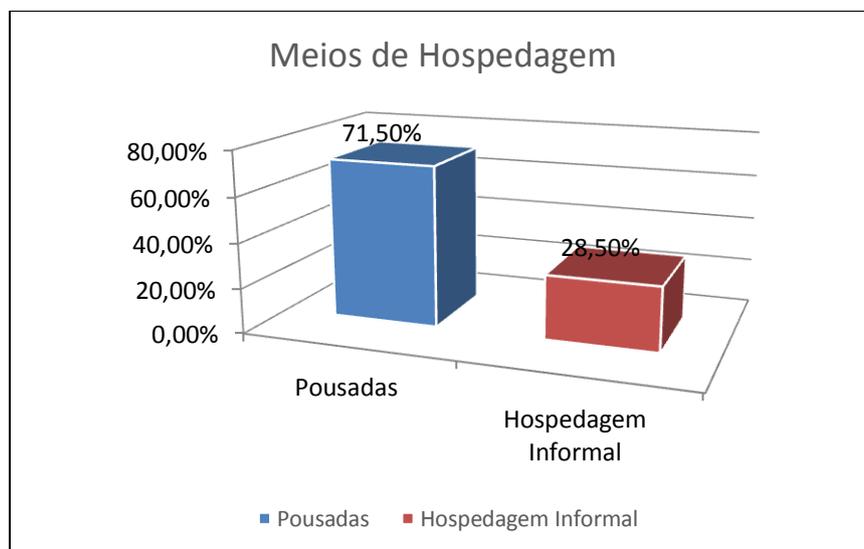
6. ANÁLISE DE DADOS

Os dados expostos a seguir foram coletados por meio de entrevistas informais, através de perguntas semiestruturadas dirigidas aos gerentes dos meios de hospedagem da cidade de Alcântara. O resultado final aponta a estrutura que é oferecida aos turistas e visitantes por esses meios de hospedagem.

Durante as entrevistas foram feitas um conjunto de perguntas sobre o que os meios de hospedagem oferecem a quem deseja se hospedar em seus respectivos meios de hospedagem. Esse conjunto de perguntas fizeram com que pudéssemos conhecer a estrutura dos meios de hospedagem localizada no trajeto da Festa do Divino Espírito Santo na cidade.

Dos meios de hospedagem encontrados, apenas alguns podem ser considerados Pousadas seguindo o critério estabelecido pelo Ministério do Turismo, que de acordo com o Sistema de Classificação de Meios de Hospedagem, define como pousada o meio de hospedagem de característica arquitetônica predominantemente horizontal, com até três pavimentos, trinta unidades habitacionais e noventa leitos, com serviços de recepção e alimentação. Os empreendimentos que não se enquadram nesta categoria estão na informalidade. Como mostra o gráfico 1.

GRÁFICO 1 – MEIOS DE HOSPEDAGEM



FONTE: DADOS DA PESQUISA DE CAMPO (2017)

A cerca dos meios de hospedagem, que tiveram seus gerentes ou donos entrevistados, notamos que 71,5% destes meios são considerados pousadas, pois estão de acordo com as exigências feitas pelo Ministério do Turismo, já os outros 28,5% estão informais, pois não são considerados nenhum dos outros tipos de hospedagem.

Na cidade foram listados sete meios de hospedagem entrevistados, autointitulados como Pousada, apesar de nem todos cumprirem os requisitos básicos para ser oficialmente.

Como a ABIH institui o sistema de autoclassificação, muitos hotéis burlavam as informações referentes ao seu estabelecimento para conseguir uma melhor classificação, isto é, podendo se classificar em uma categoria a que, efetivamente, ele não pertencia, para poder conseguir maior prestígio e rendimentos. (BRAGHIROLI, DE LUCCA FILHO, FABBRIS E RODRIGUES. 2004)

A seguir será listado os meios de hospedagem que foram entrevistados, mostrando as suas estruturas, taxa de ocupação antes, durante e depois da Festa do Divino.

- Pousada do Jacaré (Informal);
- Possui (8) unidades habitacionais, sendo (3) coletivos e (5) casal.
- Diárias: R\$:30,00 o apartamento coletivo, R\$:60,00 o Apartamento Casal com Ventilador e R\$:90,00 o Apartamento Casal com ar-condicionado.
- Café da Manhã apenas para o apartamento casal.
- Café da Manhã extra R\$:5,00
- Possui Restaurante

O meio de hospedagem possui pacote específico para a Festa do Divino fechado com a Prefeitura da cidade, sendo ofertado com todos os quartos no valor de R\$:30,00 durante alguns dias. Recebe hóspedes sem reserva de acordo com a sua disponibilidade.

Por possuir uma área externa relativamente grande, recebe hóspedes que desejam apenas colocar barracas de camping com o valor R\$:10,00 por pessoa. “Camping é a arte de viver ao ar livre, pernoitando sob uma tenda, preparando os seus próprios

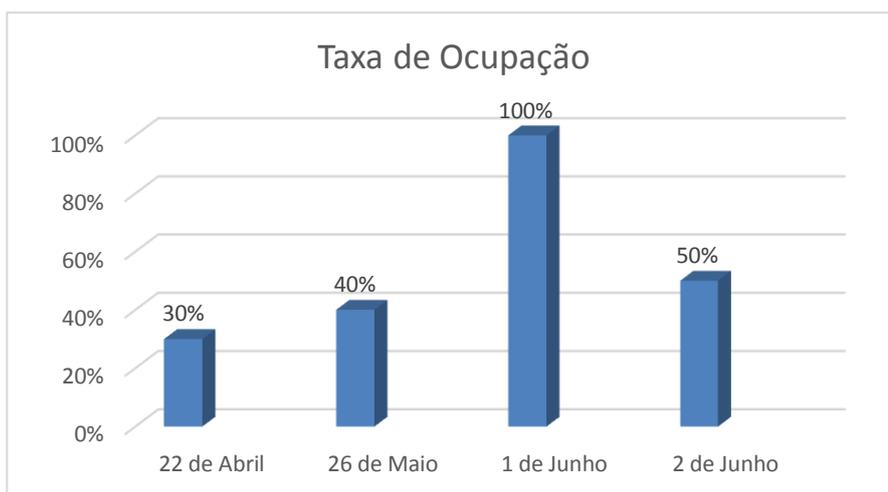
alimentos e contando apenas com os seus recursos e os que são oferecidos pela natureza. (José Ferreira - ex Presidente do Clube Nacional de Campismo, 2007)

A pousada possui hospedes fidelizados que sempre retornam à cidade no período da Festa do Divino e não oferece nenhum tipo de desconto para os mesmos pois afirma que seus preços já são bem acessíveis.

Segundo Bogmann (2002, p.21), fidelização de clientes “é o processo pelo qual um cliente se torna fiel, isto é, aquele cliente que sempre volta à empresa por estar satisfeito com os produtos ou serviços oferecidos”

Para seus gestores, a festa é considerada como a melhor época do ano para os meios de hospedagem, fora do período tem baixa procura por hospedagem. A taxa de ocupação de 2017 apresentou os seguintes dados:

GRÁFICO 2 – TAXA DE OCUPAÇÃO DA POUSADA DO JACARÉ



FONTE: DADOS DA PESQUISA DE CAMPO (2017)

As taxas de ocupação da Pousada do Jacaré foram feitas em momentos alternados, antes (22 de abril), durante (26 de maio e 1 de junho) e depois (20 de junho) da Festa do Divino, sendo que a taxa de ocupação pós festa foi realizada via ligação telefônica. Identifica-se que a taxa de ocupação se eleva durante o período da Festa do Divino. As figuras 14 e 15 mostram a fachada e a parte interna da Pousada do Jacaré.

FIGURA 14: FACHADA DA POUSADA DO JACARÉ



FONTE: ACERVO PESSOAL (2017).

FIGURA 15: PARTE INTERNA DA POUSADA DO JACARÉ



FONTE: ACERVO PESSOAL (2017).

- POUSADA CANTARIA (INFORMAL)
 - Possui (9) unidades habitacionais, sendo (2) coletivos, (5) suítes e (2) solteiro.
 - Diárias: R\$:30,00 o apartamento coletivo, R\$:40,00 o Solteiro e R\$:100,00 o Apartamento Casal com ar-condicionado.
 - Todos sem Café da Manhã.
 - Inaugurada Dia 23 de Maio de 2017.

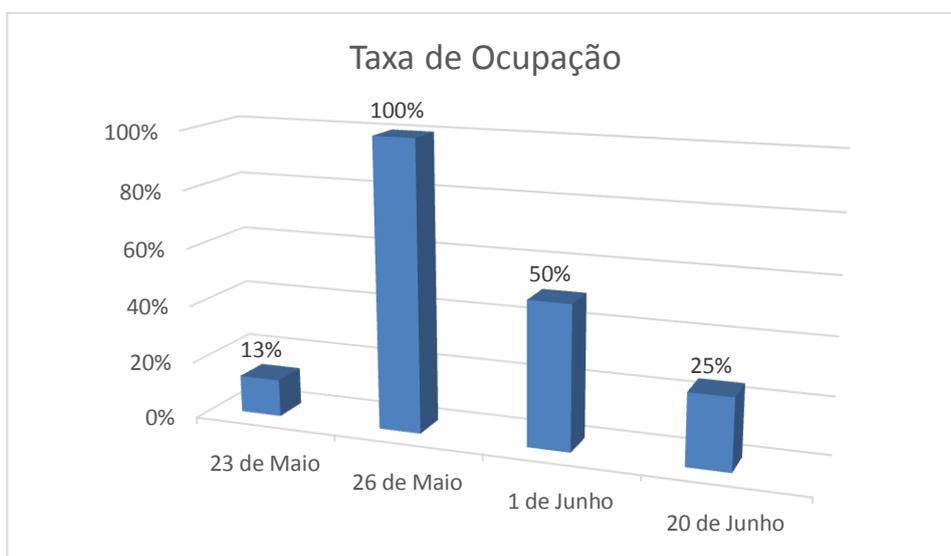
O meio de hospedagem não possuía pacote específico para os dias da Festa do Divino, recebe hóspedes sem reserva de acordo com a sua disponibilidade. Não possuía fidelização de hóspedes ainda e não houve divulgação específica para festa. Apesar de possuir uma área grande para construção, não tem perspectiva para utilizar como área para *camping*, deverá investir em área de lazer.

A pousada não oferece desconto para grupos, por afirmar que seus preços estão acessíveis. O final de semana de inauguração estava com 100% de ocupação, apenas por receber indicação de outros meios de hospedagem que estavam cheios.

Overbooking é a sobre venda, ou seja, o hotel que vende mais unidades habitacionais do que dispõe efetivamente. (CÂMARA 2011)

Se acontecer o overbooking, o setor de recepção deverá providenciar outro meio de hospedagem de igual categoria, informando ao hóspede na sua chegada, caso necessário o hotel deve assumir as despesas de locomoção. A taxa de ocupação de 2017 apresentou os seguintes dados:

GRÁFICO 3 – TAXA DE OCUPAÇÃO Pousada Cantaria



FONTE: DADOS DA PESQUISA DE CAMPO (2017)

As taxas de ocupação da Pousada Cantaria foram feitas em momentos alternados, antes (22 de abril), durante (26 de maio e 1 de junho) e depois (20 de junho) da Festa do Divino, sendo que a taxa de ocupação pós festa foi realizada via ligação telefônica. Identifica-se que a taxa de ocupação elevado durante o período da Festa do Divino. As figuras 16 e 17 mostram a fachada e o quarto da Pousada Cantaria.

FIGURA 16: FACHADA DA POUSADA CANTARIA



FONTE: ACERVO PESSOAL, 2017

FIGURA 17: QUARTO DA POUSADA CANTARIA



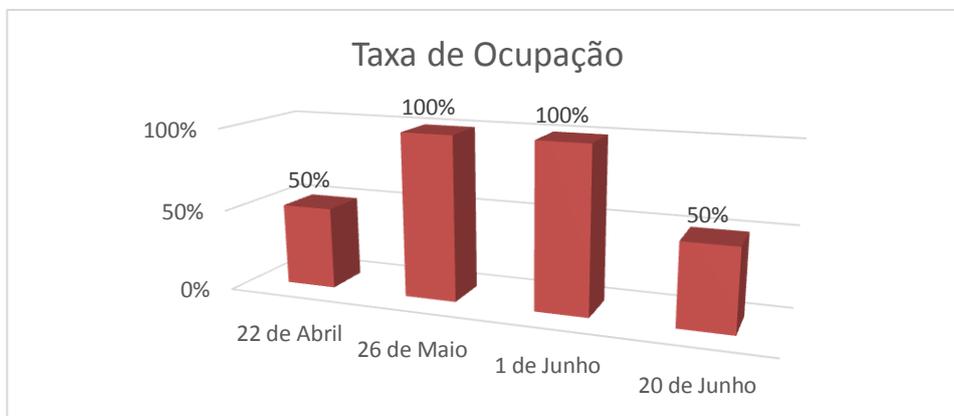
FONTE: ACERVO PESSOAL, 2017

- POUSADA SITIO TIJUPÁ
 - Possui (4) unidades habitacionais, (1) quadruplo, (1) triplo e (2) duplos.
 - Diárias: R\$:30,00 por pessoa em apartamento sem ar condicionado, R\$:50,00 por pessoa em apartamento com ar-condicionado.
 - Café da Manhã Incluso.
 - Espaço para a colocação de redes, R\$:10,00 por pessoa.
 - Área para Camping, R\$:20,00 por pessoa, com dois banheiros e cozinha própria, além de chuveiros.
 - Possui Restaurante.

O meio de hospedagem não possuía pacote específico para os dias da Festa do Divino, recebe hóspedes sem reserva de acordo com a sua disponibilidade. Não houve divulgação específica para a festa. Possui hóspedes fidelizados, que sempre retornam durante o período da festa, dão preferência a esses hóspedes, porém não concedem descontos. Possui área de Camping e Redário (espaço para redes). Há um aumento do fluxo de hóspedes durante a festa. Não ocorreu *overbooking*.

Alguns empreendimentos do local estão se diferenciando por possuírem um ambiente destinado à colocação de redes. Este espaço é conhecido como Redário e é cobrada uma taxa por esse serviço. (FOLHA VITÓRIA, 2013)

GRÁFICO 4 – TAXA DE OCUPAÇÃO Pousada Sítio Tijupá



FONTE: DADOS DA PESQUISA DE CAMPO (2017)

As taxas de ocupação da Pousada Sítio Tijupá foram feitas em momentos alternados, antes (22 de abril), durante (26 de maio e 1 de junho) e depois (20 de junho) da Festa do Divino, sendo que a taxa de ocupação pós festa foi realizada via ligação telefônica. Taxa de ocupação elevado durante o período da Festa do Divino.

As figuras 18 e 19 mostram a área interna da Pousada Sítio Tijupá e o Redário.

FIGURA 18: APARTAMENTO DA Pousada Sítio Tijupá



FONTE: ACERVO PESSOAL, 2017

FIGURA 19: REDÁRIO DA POUSADA SITIO TIJUPÁ



Redário

FONTE: ACERVO PESSOAL, 2017

- POUSADA DO MORDOMO-RÉGIO

- Possui (13) unidades habitacionais.

- Diárias: Apartamento com ventilador e banheiro (R\$:75,00 o individual, R\$:104,00 duplo e R\$130,00 triplo). Apartamento com ar-condicionado e banheiro (R\$:104,00 o individual, R\$:130,00 duplo e R\$160,00 triplo). Apartamento sem banheiro (R\$:40 o individual e R\$:60,00 duplo). Suíte Mordomo-Régio R\$:180,00.

- Café da Manhã Incluso.

- Prédio Oficial da Academia Maranhense de Letras cedido a pousada.

O meio de hospedagem possui pacote específico apenas para os finais de semana da Festa do Divino com aumento no valor da diária, recebe hóspedes sem reserva de acordo com disponibilidade e não houve divulgação específica para a festa.

Passante é um cliente que tem intenção de se alojar na nossa propriedade, mas não efetuou nenhum tipo de reserva para o efeito e por isso, necessita de saber disponibilidade e tarifas para as datas que deseja. (PRO THOR)

Durante a Festa de 2017 não registrou *overbooking*, entretanto, não houve colaboração por parte do gerente para esta pesquisa.

Taxa de ocupação: Dia 22 de Abril: 8%.

As figuras 20 e 21 mostram parte da fachada da Pousada do Mordomo-Régio e um dos quartos da pousada.

FIGURA 20: PARTE DA FACHADA DA POUSADA DO MORDOMO-RÉGIO



FONTE: ACERVO PESSOAL, 2017

FIGURA 21: QUARTO DA POUSADA DO MORDOMO-RÉGIO



FONTE: ACERVO PESSOAL, 2017

- POUSADA LA MAISON DU BARÃO

- Possui (8) unidades habitacionais antes da Festa do Divino, (9) durante e depois da festa.

- (6) Chalés e (3) Apartamentos Colonial, todos com ar-condicionado, frigobar e banheiro.

- Diárias: Chalés (R\$:120,00 o individual, R\$:160,00 o duplo e R\$:210,00 o triplo) e Apartamento Colonial (R\$:180,00 o triplo, R\$:220,00 o quadruplo, R\$:270 o quádruplo e R\$:320,00 o sêxtuplo)

- Café da Manhã Incluso.

O meio de hospedagem não possui pacote específico para a Festa do Divino, recebe hóspedes sem reserva de acordo com a disponibilidade, não houve pacote montado

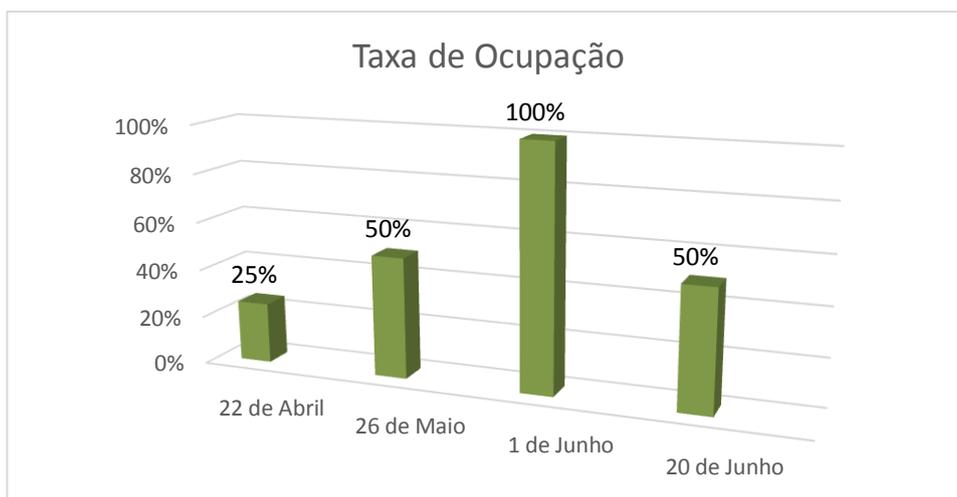
específico para a Festa do Divino, entretanto nas redes sociais da pousada houve divulgação das festividades.

A pousada registrou um aumento do fluxo de hóspedes durante a festa, alguns destes já fidelizados e que sempre retornam à cidade no período da Festa do Divino, se for um grupo com uma quantidade grande de membros podem analisar a questão do desconto.

Possui área que pode ser utilizada para camping, mas não utilizam, por acharem que o público alvo da pousada é outro.

Já ocorreu *overbooking*, mas conseguiram resolver, alocando hóspedes de quartos maiores em quartos menores, não causando nenhum problema aos hóspedes.

GRÁFICO 5 – TAXA DE OCUPAÇÃO POUSADA LA MAISON DU BARÃO



FONTE: DADOS DA PESQUISA DE CAMPO (2017)

As taxas de ocupação da Pousada La Maison du Barão foram feitas em momentos alternados, antes (22 de abril), durante (26 de maio e 1 de junho) e depois (20 de junho) da Festa do Divino, sendo que a taxa de ocupação pós festa foi realizada via ligação telefônica. Taxa de ocupação elevado durante o período da Festa do Divino.

A figura 22 mostra a fachada da Pousada La Maison du Barão.

FIGURA 22: FACHADA DA POUSADA LA MAISON DU BARÃO



FONTE: ACERVO PESSOAL, 2017

- POUSADA E RESTAURANTE DO SOSSEGO

- Possui (15) unidades habitacionais, sendo (3) individual, (4) casal, (3) triplos e (5) quíntuplos.

- Diárias: R\$:80,00 apartamentos individual, R\$:100,00 o apartamento casal, R\$:120,00 o apartamento triplo e R\$:200 o apartamento quíntuplo.

- Todos com ar condicionado, frigobar, banheiro e wi-fi.

- Café da manhã incluso.

- Possui Restaurante.

O meio de hospedagem não possui pacote específico para a Festa do Divino, recebe hóspedes sem reservas de acordo com a disponibilidade e não faz divulgação específica da pousada para a festa.

Durante a festa, houve um aumento considerável do fluxo de hóspedes e não possui área destinada ao *camping*.

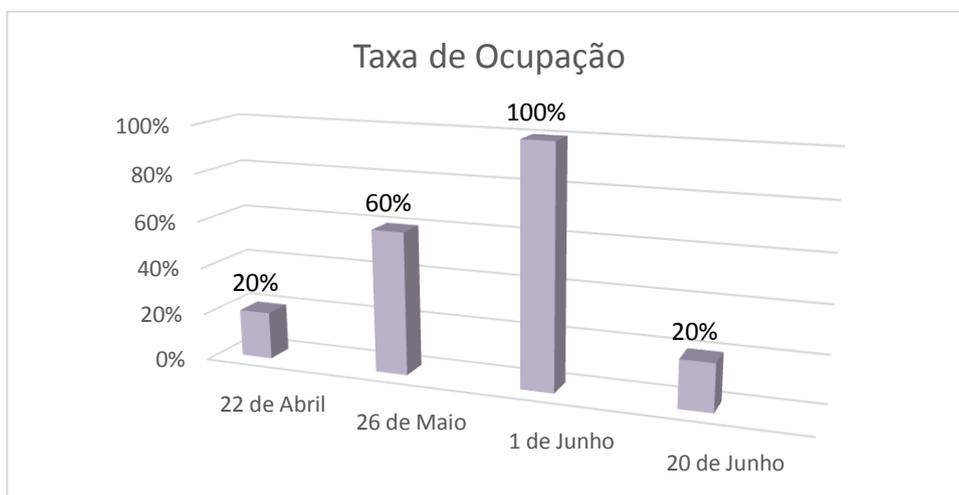
Possui hóspedes fidelizados, que retornam sempre durante a festa do divino, embora não lhes dê a preferência e não concedem descontos.

Quando uma empresa nova entra no mercado, o foco inicial é atrair o maior número de clientes possível para conhecer sua marca e seus produtos ou serviços, para que ela possa crescer e gerar resultados para seus donos. Infelizmente, quase metade das empresas atualmente mantém o foco somente na aquisição dos clientes para comprarem

seus produtos uma única vez em vez de equilibrarem os seus investimentos com a fidelização e incentivá-los a sempre adquirirem seus produtos. (AGÊNCIA LAB)

No período analisado não ocorreu registro algum de overbooking.

GRÁFICO 6 – TAXA DE OCUPAÇÃO POUSADA E RESTAURANTE DO SOSSEGO



FONTE: DADOS DA PESQUISA DE CAMPO (2017)

As taxas de ocupação da Pousada e Restaurante do Sossego foram feitas em momentos alternados, antes (22 de abril), durante (26 de maio e 1 de junho) e depois (20 de junho) da Festa do Divino, sendo que a taxa de ocupação pós festa foi realizada via ligação telefônica. Taxa de ocupação elevada durante o período da Festa do Divino.

A figura 23 mostra a fachada da Pousada e Restaurante Sossego

FIGURA 23: FACHADA DA POUSADA E RESTAURANTE SOSSEGO



FONTE: ACERVO PESSOAL, 2017.

- **POUSADA DA JOSEFA**

- Possui (6) unidades habitacionais, sendo (2) casal e (4) quádruplos.
- Diárias: R\$:60,00 apartamentos casal e R\$:120,00 o apartamento quádruplo.
- Todos com ar-condicionado, banheiro e wi-fi.
- Café da manhã incluso.
- Possui Restaurante.

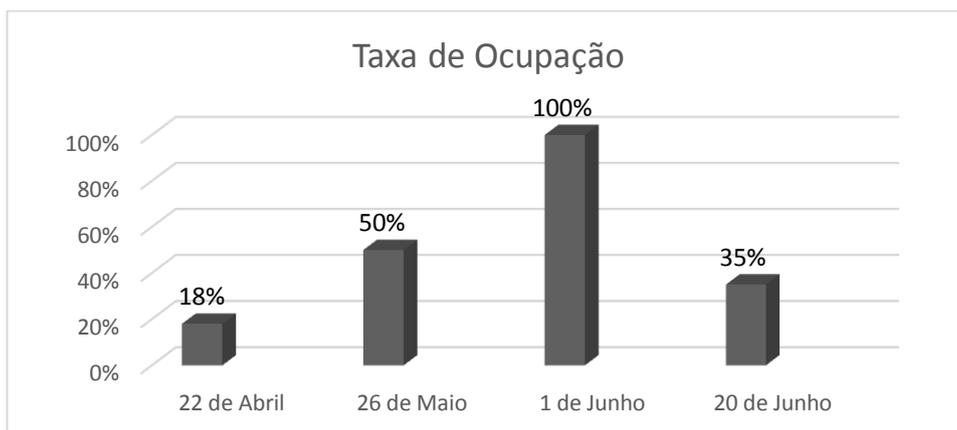
O meio de hospedagem não possui pacote específico para a Festa do Divino, recebe hóspedes sem reserva de acordo com a disponibilidade, não houve divulgação específica da pousada para a festa. Faz a divulgação através de eventos de parceiros, como shows.

Nunca registrou, até o presente momento, um *overbooking*.

Possui hóspedes fidelizados, que retornam sempre durante a Festa do Divino, se dá preferência aos hóspedes mais antigos, concedendo desconto dependendo da quantidade de pessoas que almejam a hospedagem.

Hóspedes que estão na pousada não precisam pagar o valor do kg da refeição no restaurante da pousada, comem a quantidade que quiserem pelo valor do prato feito R\$:12,00.

GRÁFICO 7 – TAXA DE OCUPAÇÃO POUSADA DA JOSEFA



FONTE: DADOS DA PESQUISA DE CAMPO (2017)

As taxas de ocupação da Pousada da Josefa foram feitas em momentos alternados, antes (22 de abril), durante (26 de maio e 1 de junho) e depois (20 de junho) da Festa do

Divino, sendo que a taxa de ocupação pós festa foi realizada via ligação telefônica. Taxa de ocupação elevado durante o período da Festa do Divino.

As figuras 24 e 25 mostram a parte da fachada da Pousada e Restaurante da Josefa e um dos seus quartos.

FIGURA 24: PARTE DA FACHADA DA POUSADA E RESTAURANTE DA JOSEFA



FONTE: ACERVO PESSOAL, 2017

FIGURA 25: QUARTO DA POUSADA DA JOSEFA



FONTE: ACERVO PESSOAL, 2017

Os meios de hospedagem de forma geral se beneficiam do grande fluxo de pessoas durante a Festa do Divino, fazendo com que a taxa de ocupação esteja beirando os 100% em grande parte deles, em contrapartida antes da Festa a procura por um dos meios de hospedagem é baixa, e após a festa tem uma elevada queda mantendo-se em média de 40%.

TAXA GERAL DE OCUPAÇÃO DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM %:

A seguir faremos a análise dos dados coletados durante a pesquisa, demonstrando em gráficos as taxas de ocupação média dos meios de hospedagem antes, durante e depois da Festa do Divino Espírito Santo.

Para que os dados fossem apresentados, foram entrevistados os gerente e donos dos meios de hospedagem.

Antes da Festa do Divino a taxa média de ocupação dos meios de hospedagem não chega a 25% como vemos no gráfico a seguir.

GRÁFICO 8 – TAXA DE OCUPAÇÃO DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM ANTES DA FESTA DO DIVINO.

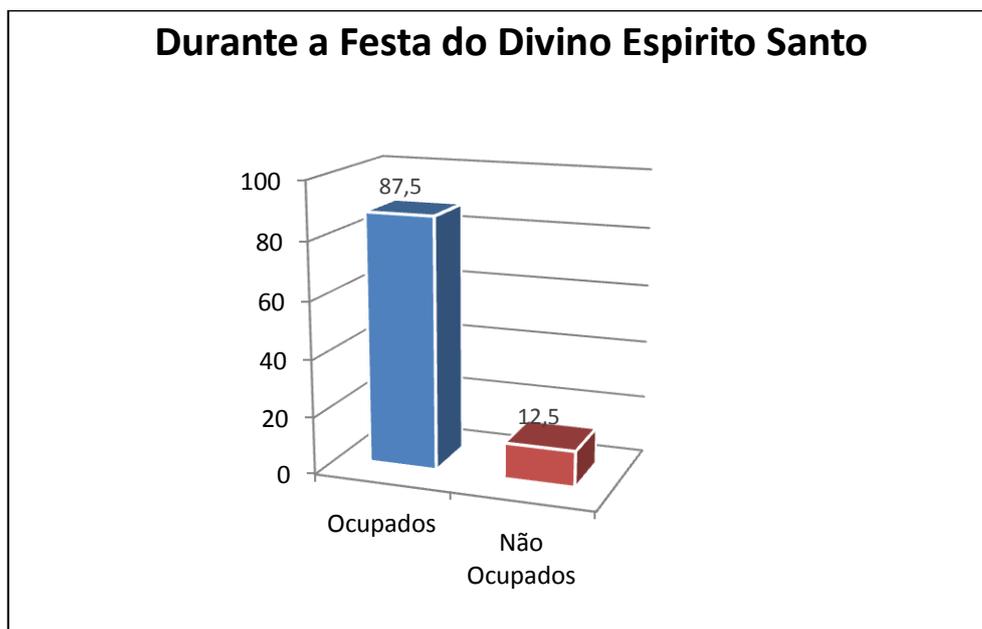


FONTE: DADOS DA PESQUISA DE CAMPO (2017)

Em hotelaria, ter uma boa taxa de ocupação é o objetivo de qualquer gerente hoteleiro. Sabemos, contudo, que nem sempre é uma tarefa fácil, uma vez que varia com as épocas do ano e está dependente da situação socioeconômica do país e do mundo, entre outros fatores. (HOTEL BUZZ, 2014)

Durante a Festa do Divino como já foi relatado na pesquisa, é considerado pelos proprietários dos meios de hospedagem como a melhor época do ano para a Hotelaria local, com taxas médias de ocupação próximas aos 90%.

GRÁFICO 9 – TAXA DE OCUPAÇÃO DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM DURANTE A FESTA DO DIVINO.



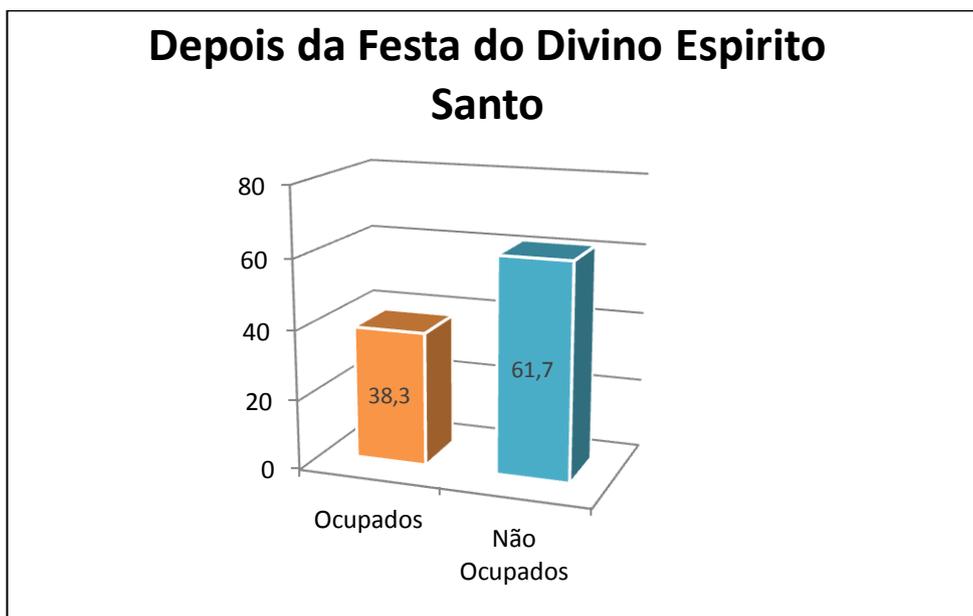
FONTE: DADOS DA PESQUISA DE CAMPO (2017).

A taxa de ocupação neste primeiro semestre de 2016 no Brasil está em 52,2%, com diária média de R\$:300,00 e RevParé a abreviação, em português, para Revenue per AvailableRoom, ou Receita por Quarto Disponível em R\$:157,00. (REVISTA HOTEIS, 2016)

Se comparadas as taxas de ocupação média na cidade de Alcântara-MA com os últimos dados colhidos pelos hotéis no Brasil percebemos uma elevada ocupação dos meios de hospedagem durante a Festa do Divino, o que confirma a opinião dos responsáveis pelas pousadas, que realmente essa é a melhor época do ano.

Passada as festividades do Divino, a taxa de ocupação média dos meios de hospedagem tornam a cair, tem uma queda de quase 50%, se mantendo com menos de 40% de ocupação, como mostra o gráfico a seguir.

GRÁFICO 10 – TAXA DE OCUPAÇÃO DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM DEPOIS DA FESTA DO DIVINO.



FONTE: DADOS DA PESQUISA DE CAMPO (2017).

Durante a pesquisa descobriu-se que a cidade de Alcântara atrai turistas o ano todo, porém é durante a Festa do Divino Espírito Santo que existe um aumento considerável desses visitantes.

A festividade é a época do ano mais importante para o povo Alcantarense, é vivida intensamente por cada um que se dispõe a realiza-la, e isso tem levado cada vez mais gente a ficar um dia a mais na cidade, tendo assim que se hospedar em algum meio de hospedagem disponível.

Foram realizadas entrevistas com alguns hospedes para saber algumas informações sobre o meio de hospedagem que os mesmos estavam hospedados. A respeito do assunto o entrevistado A (Pousada Sitio Tijupá) comenta:

Eu realizo a minha reserva da pousada através de ligação telefônica com bastante antecedência, fora do período da festa costumo vim com frequência e dou preferência a Pousada Sitio Tijupá. Não é a primeira vez que venho a Festa do Divino, pelo contrário, já faz muito anos que acompanho, procuro a pousada porque já conheço a festa a décadas. Já fiquei hospedado em outras pousadas, mas dou preferência para cá porquê me sinto em casa, sou muito bem recepcionado pelo dono da pousada, seu Cláudio, divulgo sempre aos amigos e famílias, para que venham conhecer. (ENTREVISTADO A, 2017).

A respeito do assunto o entrevistado B (Pousada La Maison du Barão) comenta:

Realizei a minha reserva através do site booking.com, é a primeira vez que venho a cidade de Alcântara-MA, escolhi a pousada pela estrutura e acomodações oferecidas, através das fotos que vi no site. Conheço a Festa do Divino de outras cidades, pesquisei sobre a festa aqui da cidade e resolvi conhecer. Me senti muito bem acolhido, com toda certeza indicarei aos meus amigos e familiares. Só considero um ponto negativo, a falta de informação a programação da Festa do Divino, pois não encontrei em nenhum *site*. (ENTREVISTADO B, 2017).

A coleta de dados foi de grande valia para a pesquisa, com ela foi possível conhecer a realidade a cerca a estrutura oferecida pelos meios de hospedagem aos turistas que desejam um local para descanso, além de saber a opinião dos visitantes sobre os meios de hospedagem que escolheram para ficar durante a sua estadia na cidade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou mostrar descritivamente os meios de hospedagem da cidade de Alcântara-MA localizadas dentro do trajeto da Festa do Divino Espírito Santo. Para isso, utilizou um referencial teórico que possibilitou conhecer de forma geral a história da cidade, além da história da festa e dos meios de hospedagem pelo mundo, com ênfase a todos.

A cidade de Alcântara-MA tem sua população formada por uma miscigenação de ex-escravos e portugueses, que fizeram com que a cidade crescesse vertiginosamente durante os séculos XVII e XVIII, sendo considerada a principal cidade do estado por muitos anos.

Com o crescimento das cidades localizadas perto dos rios no estado do Maranhão, a cidade de Alcântara-MA entrou em estado de declínio econômico, fazendo com que os grandes proprietários de terras abandonassem suas posses e partissem rumo a capital São Luís.

Como objeto de pesquisa foi escolhido os Meios de Hospedagem localizados no trajeto da Festa do Divino da cidade de Alcântara, buscando conhecer a estrutura oferecida por esses meios de hospedagem aos turistas que desejam se hospedar nelas.

Oficialmente dos sete meios de hospedagem pesquisados, seis são considerados oficialmente Pousadas, por cumprirem requisitos mínimos impostos pelo Ministério do Turismo, sendo que das seis, apenas duas podem ser consideradas pousadas de duas estrelas, são elas: Pousada La Maison du Barão e Pousada do Mordomo-Régio, as outras quatro são pousadas uma estrela.

Apesar de contar com seis pousadas no trajeto da festa, foi incluída a Pousada Sítio Tijupá na pesquisa, devido a sua localização bem próxima ao trajeto e por contar com uma área específica para camping, que é um setor da hotelaria que tem crescido bastante no decorrer dos dez últimos anos.

É inimaginável a cidade sem a Festa do Divino, como afirmaram todos os gerentes ou donos de meios de hospedagem, o aumento de fluxo de hóspedes é considerável, algo que é comprovado nos gráficos anteriores, à média de taxa de ocupação triplica em relação a outros períodos do ano.

Apesar de existir um grande número de pessoas que participam ativamente todos os anos da Festa, esse número tem diminuído ao longo dos anos, apesar de pouca essa diminuição tem impacto na economia da cidade.

Não há dúvidas que a cidade de Alcântara-MA tem potencial ainda a ser bem mais explorado, alguns meios de hospedagem ainda deixam a desejar quando se fala em estrutura. Devem entender que o turista sai de sua residência desejando encontrar algo pelo menos parecido com o que tem em casa ou até melhor.

A falta de investimento em algumas pousadas retrata também a crise econômica que o Brasil tem passado nos últimos anos, mas isso só irá mudar quando houve uma parceria entre o poder público e a iniciativa privada para que assim os turistas que utilizam o bate-volta para conhecer a cidade, modalidade de turismo que se conhece a cidade em apenas um único dia, fique mais tempo e assim possa além de utilizar os meios de hospedagem também contribuir com a economia local em bares e restaurantes.

Vários são os motivos que fazem com que os donos dos meios de hospedagem não invistam, dentre eles o prédio não ser de propriedade própria, fazendo com que eles não possam mexer em sua estrutura, falta de conhecimento e treinamento também fazem com que algumas pousadas fiquem “desvalorizadas” em detrimento a outras.

Durante as pesquisas, diversas vezes foi utilizado à ferramenta google.com, em todas as vezes que acessada não mostrou todos os meios de hospedagem da cidade, isso faz com que os hóspedes não saibam quais opções realmente tem, sendo assim escolhe entre uma ou duas opções.

Durante as entrevistas com os hóspedes que estavam em algumas pousadas foi perceptível a vontade de ambos em retornarem à cidade, em buscar conhecer mais sobre a cultura, religiosidade, sobre locais para se hospedar, isso deverá ser levado em consideração como algo a ser aprendido por quem administrar os meios de hospedagem.

É esperado que esse estudo tenha importância para contribuições futuras em pesquisas na área de hotelaria em Alcântara e no Maranhão, todo estudo será repassado aos gerentes e donos dos meios de hospedagem como forma de incentivar melhorias em seus estabelecimentos bem como no seu serviço prestado.

Alcântara terra que encanta com seus casarões históricos e seu povo acolhedor.

REFERÊNCIAS

Agencia Lab, **Aquisição x Fidelização de Clientes.**

Disponível em: < <http://agencialab.com.br/aquisicao-fidelidade-clientes/>>. Acesso em 25 de junho de 2017.

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo: fundamentos e dimensões.** 8.ed. São Paulo: Ática, 2002

ANDRADE, Nelson; BRITO, Paulo Lúcio de; JORGE, Wilson Edson. **Hotel: planejamento e projeto.** 2. ed. São Paulo: Senac, 2002.

BARBOSA, M. **Umás mulheres que dão no couro.** São Paulo: Empório de Produções & Comunicação, 2006. Inclui 1 DVD

BOGMANN, Itzhak Meier. **Marketing de relacionamento-estratégias de fidelização e suas implicações financeiras.** São Paulo: Livraria Nobel, 2002.

BRAGHIROLI, Carolina; DE LUCCA FILHO, Vinicius; FABBRIS, Cristine; RODRIGUES, Santiago Ricardo. **Centro de Informações Turísticas e as Novas Tecnologias.** Anais do II Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. 2004

CAIRES, Daniel Rincon. Revista Outros Tempos. Dossiê História e Cidade - **ENTRE BARÕES, FOGUETES E QUILOMBOLAS:** Museu Casa Histórica de Alcântara e a institucionalização de discursos e representações sobre a cidade de Alcântara. Volume 9, número 13, julho de 2012.

CÂMARA, Cristiane da Silva. **Recepção e reserva** – Manaus: Centro de Educação Tecnológica do Amazonas, 2011.

CASTELLI, Geraldo. **Administração hoteleira.** 9.ed. Caxias do Sul: Educ, 2003

COUTINHO, Helen Rita M.; PEREIRA, Francisca Félix. Revista Eletrônica Aboré: **Hotalaria:** da era antiga aos dias atuais. Publicação da Escola Superior de Artes e Turismo – Universidade do Estado de Amazonas. Edição 03/2007.

DUARTE, V. V. **Administração de sistemas hoteleiros: conceitos básicos**. São Paulo: SENAC, 1999.

FERRETTI, Sergio. **Repensando o Sincretismo**. São Paulo/ São Luís: EDUSP/ FAPEMA, 1995.

Folha Vitória, **Redário é diferencial de empreendimentos modernos**. Disponível em:

<<http://www.folhavoria.com.br/economia/noticia/2013/11/redario-e-diferencial-de-empresendimentos-modernos.html>>. Acesso em 25 de junho de 2017

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira. Diário da Câmara Legislativa: **Alcântara – Utopia urbana**. Brasília, dezembro/1992. Ano 1. Nº 2

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GONÇALVES, Daniel Evangelho. **Síntese sobre a emigração açoriana para o Brasil**. Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 5, Nº23, Rio, 2010

GOUVEIA, Claudia Rejane Martins. **“As esposas do Divino”**: poder e prestígio feminino nas festas do Divino em terreiros de tambor de mina em São Luís do Maranhão. (Dissertação de Mestrado em Antropologia) Recife: PPGA/UFPE. 2001.

Hotel Buzz, **Taxa de Ocupação dos Hotéis: como conseguir aumentá-las?** Disponível em:

<www.hotel-buzz.com/blog-hotel-marketing/taxa-de-ocupacao-dos-hoteis-como-conseguir-aumenta-la/>. Acesso em 25 de junho de 2017

LEAL, João. **Transnacionalidade, Etnicidade, Sincretismo**: viagens atlânticas das festas do Divino. Revista de Políticas Públicas, São Luís, Numero Especial, p. 351-358, julho de 2014.

LIMA, Carlos de. **A Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (Maranhão)**. 2ª. Ed. Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória/Grupo de Trabalho de Alcântara, 1988.

_____. **Vida, Paixão e Morte da Cidade de Alcântara – Maranhão**. São Luís: SECMA, 1998.

LOPES, Antônio. **Alcântara: Subsídios para a história da Cidade**. São Paulo: Siciliano, 2002.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração** / Maxwell Ferreira de Oliveira. -- Catalão: UFG, 2011.

PACHECO, G.; GOUVEIA, C.; ABREU, M. C. **Caixeiras do Divino Espírito Santo do Maranhão**. Rio de Janeiro: Associação Cultural Caburé, 2005. Inclui 2 CDs sonoros.

Portal da Educação, **Evolução da Classificação dos Meios de Hospedagem no Brasil**. Disponível em:

<<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/turismo-e-hotelaria/evolucao-da-classificacao-dos-meios-de-hospedagem-no-brasil/29476>>. Acesso em 7 de junho de 2017

PRATT, André. **Notas Históricas sobre as Missões Carmelitas no Extremo Norte do Brasil, nos séculos XVII e XVIII**. Recife: 1941.

Pro Thor, **Recepção - Procedimentos Check-In Walk-In ou Passante**. Disponível em: <<http://pro-thor.com/wp-content/uploads/Recep%C3%A7%C3%A3o-Procedimentos-Check-In-Walk-In-ou-Passante.pdf>>. Acesso em 25 de Junho de 2017

Revista Hotéis, **Taxa de Ocupação Hoteleira no Brasil está em 52,2% e diária média de R\$ 300,00**. Disponível em:

< <http://www.revistahoteis.com.br/taxa-de-ocupacao-hoteleira-no-brasil-esta-em-525-e-diaria-media-de-r-30000/>> . Acesso em 25 de junho de 2017

RIBEIRO, Karla Cristina Campos. **Meios de hospedagem**. – Manaus: Centro de Educação Tecnológica do Amazonas, 2011.

ROCHA, Maria de Fatima Sopas. **A Festa do Divino Espírito Santo no Maranhão: uma proposta de glossário**. Fortaleza/Fortaleza. 2008.

SILVEIRA, Simão Estácio da. **Relação das Coisas do Maranhão**. 1ª ed. 1624

Ministério do Turismo, **Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem**.

Disponível em:

<<http://www.turismo.gov.br/aceso-a-informacao/63-aco-es-e-programas/5021-sistema-brasileiro-de-classificacao-de-meios-de-hospedagem-sbclass.html>>. Acesso em 20 de junho de 2017.

VERGARA, Sylvia C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3.ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000.

VIVEIROS, Jerônimo de. **Alcântara no seu passado Econômico, Social e Político**. São Luís: Fundação Cultural do Maranhão, 1977.

VIERIA FILHO, D. **A Festa do Divino Espírito Santo**. São Luís: [s.n.], 1954. Separada da Revista da Academia Maranhense de Letras. V.9

ANEXOS

ANEXO A: Alcântara-MA



Ladeira do Jacaré



Ruínas da Igreja de São Matias



Igreja de Nossa Senhora do Carmo



Entrada da Parte Histórica da Cidade



Porto do Jacaré

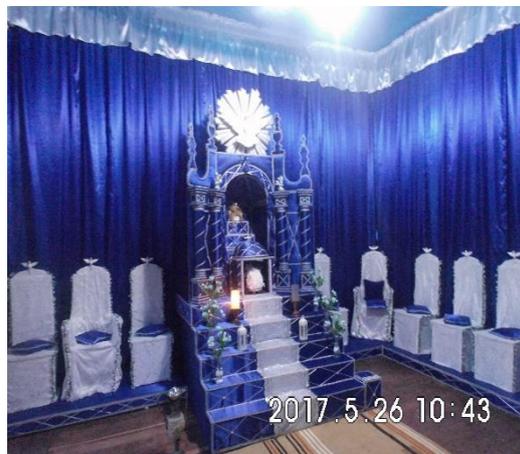


Moradores jogando Capoeira

ANEXO B: Festa do Divino Espírito Santo



Caixeiros do Divino



Casa de um dos Mordomos do Divino



Cortejo do Divino



Símbolos do Divino Espírito Santo



Divulgação da Festa



Mesa de Jantar do Imperador

ANEXO C: Meios de Hospedagem em Alcântara-MA



Pousada La Maison du Barão



Pousada da Josefa



Pousada do Mordomo-Régio



Pousada do Jacaré



Pousada Sitio Tijupá



Pousada Cantaria



Pousada e Restaurante do Sossego

ANEXO E: ENTREVISTA MEIOS DE HOSPEDAGEM

- 1-Como é feita a divulgação dos meios de hospedagem para a Festa do Divino?
- 2-Possui pacote para a Festa do Divino?
- 3-Recebem hospedes sem reservas?
- 4-Já ocorreu overbooking, como procedeu?
- 5-Existe área para camping no meio de hospedagem, se tiver como é feita a tarifa? O que está incluso?
- 6-Tem hóspedes fidelizados, que retornam sempre durante a Festa do Divino?
- 7-É dada alguma preferência ao hóspede fidelizado?
- 8-Como está a taxa de ocupação do meio de hospedagem antes, durante e depois da Festa do Divino?
- 9-Qual a estrutura do meio de hospedagem?

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Carvalho, Gabriel de Jesus de Araujo.

ANÁLISE SOBRE OS MEIOS DE HOSPEDAGEM NO TRAJETO DA
FESTA DO DIVINO ESPIRITO SANTO EM ALCÂNTARA-MA / Gabriel
de Jesus de Araujo Carvalho. - 2017.

78 f.

Orientador(a): Ana Letícia Burity da Silva.

Monografia (Graduação) - Curso de Hotelaria,
Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2017.

1. Alcântara-MA. 2. Festa do Divino Espirito Santo.
3. Meios de Hospedagem. I. Burity da Silva, Ana Letícia.
II. Título.